



Encontro com o Pastor

O objetivo da leitura da Palavra é ouvir a Deus para que a fé se afirme em nós

Página 2

Editorial

Dos ensinamentos de Santo Agostinho brota a leitura de Leão XIV sobre a sinodalidade

Página 4

Papa: 'A Igreja existe para conduzir cada pessoa ao encontro com o Senhor'

Página 16

Leão XIV mostra ao mundo a atualidade do pensamento de Santo Agostinho

Frade agostiniano, o atual Pontífice tem reiteradas vezes citado o bispo de Hipona (354-430) e seus ensinamentos sobre o amor, a escuta, a humildade, a unidade e a autoridade como serviço – saberes de grande valor teológico, filosófico e de interioridade humana que atravessaram os séculos, como é destacado nesta edição do *Caderno Fé e Cultura*.



Dom Odilo Scherer dedica a Igreja de Santa Cândida

No domingo, 20, o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo, dedicou a igreja matriz da Paróquia Santa Cândida e consagrou seu altar, em missa solene, que teve entre os concelebrantes Dom Celso Alexandre, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga, e o Padre Anderson Marçal, Pároco.

Na homilia, Dom Odilo ressaltou que cada batizado é “o templo de Deus, a Igreja viva que é testemunha de Sua presença. Essa dedicação também é um compromisso de filhos de Deus com Sua missão salvadora”. Além disso, enfatizou que “uma pedra sozinha não faz o templo, mas cada pedra é importante para formar o conjunto”.

Erigida canonicamente em 20 de novembro de 1957, a Paróquia Santa Cândida tem passado por intenso processo de revitalização desde o início desta década, seja em aprimoramentos de suas estruturas físicas, seja na intensificação das atividades evangelizadoras, com maior envolvimento dos jovens nas pastorais e participação de mais fiéis nas missas.

Página 10



Dom Odilo Scherer unge com o óleo do Santo Crisma o altar da igreja matriz da Paróquia Santa Cândida, no domingo, 20



Crianças saúdam Dom Odilo em frente à matriz da Paróquia Nossa Senhora da Expectação, na abertura do jubileu de 230 anos

‘Continuem a ser o sinal de Deus na Freguesia do Ó’

Com o tema “Pedras vivas, alegres na esperança”, a Paróquia Nossa Senhora da Expectação, na Freguesia do Ó, iniciou, no dia 15, o jubileu comemorativo de seus 230 anos.

Fundada em 1796, trata-se de uma das paróquias mais antigas da cidade, resguardando tradições como a Festa do Divino Espírito Santo, realizada desde 1821.

Na missa de abertura do ano jubilar, o Cardeal Scherer rendeu graças a Deus pelos fiéis e sacerdotes que se empenham na Paróquia ao longo destes anos e rezou para que os atuais paroquianos continuem a dar testemunho da fé nesta região da cidade.

Página 7



**CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER**

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

Vivei à altura do Evangelho de Cristo

No mês da Bíblia, aprendemos a acolher a Palavra de Deus com fé, com a ajuda do Espírito Santo. O breve trecho da Carta de São Paulo aos Filipenses (1,20c-24.27a), lido no 25º Domingo do Tempo Comum (20.09.26), é um exemplo da perene atualidade da Palavra de Deus, mesmo lida em tempos diversos e em contextos culturais muito diversos.

São Paulo achava-se na prisão, provavelmente em Éfeso, por causa da sua atuação missionária; nessa circunstância, ele escreveu à comunidade cristã dos Filipenses, que lhe era muito cara. Essa comunidade havia enviado uma ajuda para ele na prisão e desejava ter notícias do Apóstolo, que agradeceu, sensibilizado. Os fiéis de Filipos estavam preocupados com o bem-estar de Paulo na prisão e, certamente, também com sua defesa e libertação. Ele mesmo nem estava tão preocupado com isso e estava consciente do risco de vida que corria e da possibilidade de não conseguir mais encon-

trar os fiéis daquela comunidade, como era seu ardente desejo. Nessa circunstância, ele aproveitou para mostrar aos Filipenses, e a nós, o que realmente importa na vida cristã.

E, então, apareceu o homem de fé que ele era e que entregou sua vida inteiramente a Jesus Cristo e pelo Evangelho: “Cristo vai ser glorificado no meu corpo, seja pela minha vida, seja pela minha morte. Pois para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro” (v. 20-21). Paulo sabe que, vivendo ainda, ele poderá continuar a fazer muito bem, anunciando a todos a Palavra de Deus. Mas, se viesse a morrer, seu martírio glorificaria a Deus e fortaleceria a fé da comunidade. De fato, Paulo ainda não seria martirizado nessa circunstância e teria de enfrentar mais outras lutas pelo testemunho de Jesus Cristo em Roma, na prisão e diante dos tribunais, até ser condenado à morte e martirizado.

Enquanto isso, o Apóstolo viveu serenamente a sua entrega a Cristo: “O meu viver é Cristo” (v. 21). Impressiona a sua fé forte e persistente, mesmo na prisão e em aparente solidão. Essa atitude tem sua explicação

no encontro pessoal inteiramente singular de Paulo com Jesus Cristo ressuscitado no caminho de Damasco. Esse encontro foi muito marcante e motivador para ele e o levou a uma mudança radical em sua vida. De perseguidor de Cristo e dos cristãos que era, ele se converteu a Cristo e ao Evangelho sem reservas. O verdadeiro missionário é, antes de tudo, um discípulo ligado ao Mestre por uma experiência forte.

Da prisão, Paulo também exortou os Filipenses a não se abaterem e a permanecerem firmes na fé e no testemunho do Evangelho, levando “vida digna do Evangelho de Cristo” (cf. v. 27). É o mesmo que ele escreveu, depois, ao seu jovem companheiro Timóteo, quando estava preso em Roma e condenado à morte: “Deus não nos deu um espírito de covardia, mas de fortaleza, de amor e de moderação. Portanto, não te envergonhes de testemunhar a favor de nosso Senhor, nem te envergonhes de mim, seu prisioneiro; mas, sustentado pela força de Deus, sofre comigo pelo Evangelho” (2Tm 1,7-8). E o próprio Paulo reforça esse testemunho de coragem e

perseverança: “Suportando os presentes sofrimentos, não me envergonho, pois sei em quem acredito e estou certo de que ele é poderoso para guardar até aquele dia o que me foi confiado” (v. 12). “Aquele dia” é uma referência ao comparecimento diante do julgamento de Deus.

Jesus repreendeu a Pedro, que o queria impedir de subir para Jerusalém, para enfrentar os sofrimentos da Paixão e Morte, exortando-o a “pensar conforme Deus, e não conforme os homens” (cf. Mt 16,23). A leitura constante da Sagrada Escritura não tem o mero objetivo do conhecimento intelectual e ilustrativo, mas de acolher a Palavra de Deus contida na Bíblia e, assim, assimilar sempre mais na consciência e na prática da vida pessoal e comunitária a sabedoria de Deus que se manifesta por meio da Escritura. O objetivo final da leitura da Palavra de Deus é “ouvir Deus” e que a fé se afirme; que conheçamos sempre melhor os caminhos de Deus e levemos a vida segundo Deus: “Assim, a pessoa que é de Deus estará capacitada e bem preparada para toda obra boa” (2Tm 3,17).



SANTA CAROLINA

CHILE 1875

Nascida da inspiração e moldada pelo tempo,
Carolina carrega um legado histórico. Reinventa tradições,
cria novas experiências e desperta sensações únicas.
É ousadia com alma. É o passado que pulsa no presente.

CAROLINA

RESERVA





Beba com moderação.

Cardeal Scherer celebra 77 anos de vida com missa em ação de graças na Catedral da Sé

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

O Cardeal Odilo Pedro Scherer celebrou 77 anos de vida, na segunda-feira, 21, na Festa de São Mateus, Apóstolo e Evangelista. Uma missa em ação de graças pela vida e ministério do Arcebispo de São Paulo foi por ele presidida na Catedral da Sé, reunindo os bispos auxiliares da Arquidiocese, sacerdotes, religiosos e fiéis.

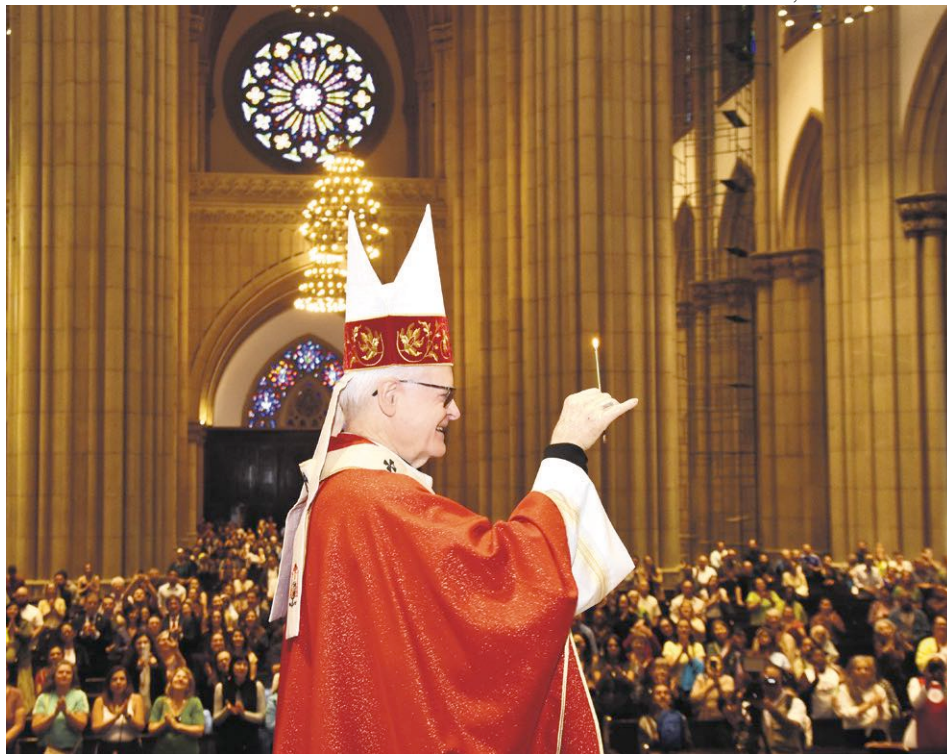
Na homilia, a partir do Evangelho do dia, Dom Odilo refletiu sobre a vocação de São Mateus e a misericórdia de Deus, que vai ao encontro de todos e oferece a possibilidade de uma vida nova. “A Igreja está aí para ir ao encontro de todos aqueles que necessitam deste encontro salvador”, afirmou, recordando que os cristãos são chamados a continuar testemunhando ao mundo a misericórdia de Deus.

UMA VIDA DEDICADA À IGREJA

Natural de Cerro Largo (RS), Dom Odilo Pedro Scherer nasceu em 21 de setembro de 1949. Foi ordenado sacerdote em 7 de dezembro de 1976, para a Diocese de Toledo (PR). É mestre em Filosofia e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma.

Ao longo de seu ministério sacerdotal, exerceu atividades na formação de seminaristas, no ensino e no governo eclesial. Entre 1994 e 2001, atuou na Congregação para os Bispos, na Santa Sé.

Em 28 de novembro de 2001, São João Paulo II o nomeou Bispo Auxiliar de São Paulo. Sua ordenação episcopal ocorreu em 2 de fevereiro de 2002, na Catedral de Toledo. Em 21 de março de 2007, o Papa Bento XVI o nomeou Arcebispo Metropolitano de São Pau-



Luciney Martins/O SÃO PAULO

lo, sucedendo ao Cardeal Cláudio Hummes. Tomou posse em 29 de abril daquele ano.

Poucos meses depois, no Consistório de 24 de novembro de 2007, foi criado cardeal pelo Papa Bento XVI, recebendo o título presbiteral de Santo André no Quirinal.

Há quase duas décadas à frente da Arquidiocese de São Paulo, Dom Odilo tem conduzido a ação evangelizadora e pastoral da Igreja na metrópole. Entre os momentos marcantes de seu ministério está a convocação e realização do primeiro sínodo arquidiocesano de São Paulo, aberto em 2017, com o propósito de renovar a consciência missionária e pastoral da Igreja na cidade.

GRATIDÃO

Ao término da celebração, Padre

Jorge Bernardes, em nome dos sacerdotes da Arquidiocese de São Paulo, do Conselho Presbiteral e da Irmandade de São Pedro dos Clérigos, dirigiu uma homenagem ao Cardeal.

“Celebrar a vida de um pastor é também reconhecer a graça de Deus que se manifesta por meio de seu ministério”, afirmou.

O Sacerdote destacou a dedicação de Dom Odilo ao Evangelho, à Igreja e ao povo de Deus, ressaltando seu zelo pastoral, a dedicação à evangelização e a solicitude para com os sacerdotes e as comunidades.

“Hoje, Dom Odilo, mais do que simplesmente felicitar o senhor, queremos agradecer. Agradecer a Deus o precioso dom de sua vida, agradecer o trabalho realizado em nossa Arquidiocese, a perseverança, a disponibili-

dade e seu testemunho de fidelidade à Igreja”, disse.

Padre Jorge assegurou ainda ao Arcebispo a proximidade, a oração e a comunhão fraterna dos presbíteros e recordou uma orientação recebida de Dom Odilo quando foi nomeado pároco: “Seja firme como convém ao pastor e manso assim como uma boa ovelha”.

CAMINHO PELA FRENTE

Ao agradecer a homenagem, Dom Odilo voltou seu olhar para o caminho percorrido e para aquele que ainda se apresenta: “Fazer aniversário é bom, mas cada dia a gente vai ficando mais velho. Então, também é caminho que vai ficando, mas se abre caminho pela frente também”.

Para o Cardeal, o aniversário é ocasião para renovar a entrega da própria vida à providência divina. “É o momento de a gente também se colocar de maneira renovada na mão de Deus, na graça de Deus, para seguir confiante de acordo com aquilo que cada dia Deus nos prepara, nos reserva”, disse.

Dom Odilo dirigiu ainda sua oração pela Arquidiocese de São Paulo, suas comunidades, paróquias e organizações, que manifestam a presença viva da Igreja na metrópole. Também recordou que a missão evangelizadora acompanha a história da cidade desde seus primórdios e continua sendo uma responsabilidade para o presente e o futuro.

“Na medida em que nós correspondermos à missão que nos foi dada, a Igreja ajudará esta cidade a ser melhor”, concluiu.

(Colaborou: Fernando Arthur)

MISSA DE 7º DIA DE JOÃO MONTEIRO DE BARROS FILHO



Luciney Martins/O SÃO PAULO

O Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, presidiu a Missa de 7º dia pelo falecimento de João Monteiro de Barros Filho, fundador da Rede Vida de Televisão. A celebração, no dia 16, foi realizada na Paróquia Assunção de Nossa Senhora, nos Jardins, e contou com a presença de familiares, amigos e representantes da emissora (foto). Concelebraram a Eucaristia Dom Valdir José de Castro, Bispo de Campo Limpo (SP), e o Padre Juarez de Castro, Pároco. Durante a celebração, foram elevadas preces em sufrágio de João Monteiro de Barros Filho e manifestada a gratidão por sua trajetória e contribuição à comunicação católica no Brasil, especialmente por meio da Rede Vida de Televisão, cuja atuação, ao longo de mais de três décadas, mantém estreita colaboração com a missão evangelizadora da Igreja.

(por Redação)

TÍTULO DE PROFESSOR EMÉRITO A DOCENTE DA PUC-SP



Jonathan Toledo/ACI PUC-SP

Na manhã do dia 16, em sessão solene do conselho universitário da PUC-SP no Tucarena, presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo e Grão-Chanceler da pontifícia universidade, e com a participação do Prof. Dr. Vidal Serrano Nunes Júnior, reitor, foi conferido o título de professor emérito ao Prof. Dr. Nelson Nery Jr., advogado, mestre e doutor em Direito, com destacada atuação em Direito Processual Civil, Direito Civil, Direito Constitucional, Direito Ambiental, Direito do Consumidor, Direito Concorrencial.

(por Redação – com informações da PUC-SP)

Atos da Cúria

NOMEAÇÃO E PROVISÃO DE ADMINISTRADOR PAROQUIAL

Em 17/09/2026, foi nomeado e provisionado como **Administrador Paroquial da Paróquia Nossa Senhora de Fátima**, no bairro Jardim Tremembé, Decanato São Matias, Região Episcopal Sant'Ana, o **Reverendíssimo Padre Emerson Henrique Cittadin**, pelo período de **01 (um) ano**.

Editorial

Leão XIV e a eterna atualidade de Santo Agostinho

Ao se apresentar como filho de Agostinho, na primeira bênção que dirigiu à cidade e ao mundo, em maio de 2025, Leão XIV não ofereceu apenas um dado biográfico, mas uma chave de leitura do seu pontificado. Antes de qualquer programa, disse de onde vinha: da família religiosa inspirada no bispo de Hipona. Desde então, Agostinho frequentemente reapareceu em seus pronunciamentos, sempre a partir dos mesmos núcleos – o amor que atrai, a escuta, a humildade, a unidade, a autoridade como serviço.

O *Caderno Fé e Cultura* desta edição do **O SÃO PAULO** busca se aprofundar na riqueza dessa herança religiosa e cultural que chega até nós pelo atual Papa. Encontramos, no século V, um homem extremamente atual, com uma história de conversão que poderia ter acontecido hoje. Maniqueu, cético e professor de retórica em busca de reconhecimento, Santo Agostinho

leu a própria conversão não como conquista de uma vontade esforçada, mas como dom recebido antes de qualquer mérito. Dessa experiência nasce sua convicção de que a iniciativa é sempre de Deus. Cabe à nossa liberdade responder a ela. Nasce também a convicção, retomada por Leão XIV ao falar a seus irmãos agostinianos, de que a vida cristã não se reduz a regras a observar nem a um hábito vestido por fora: ela começa quando alguém se descobre atraído por algo grande o bastante para saciar o coração: o Cristianismo nasce de um encontro.

Poucos descreveram com tanta precisão os movimentos internos da alma: a memória, o tempo vivido, o desejo, a vontade dividida contra si mesma. Em um tempo saturado de estímulos e de identidades montadas para a exibição pública, suas *Confissões* continuam sendo o mais extraordinário relato de uma consciência que se examina diante de Deus; e suas *Retratações*, escritas

no final da vida, bem menos lidas, mostram algo ainda mais raro: um autor maduro que corrige o que escreveu. Não por acaso, ele vem sendo redescoberto por filósofos sem qualquer vínculo confessional, atentos à sua análise da interioridade, da linguagem e da mente.

Há, enfim, o Agostinho pastor, muito necessário nestes tempos que atravessamos. Contra os donatistas, que faziam a validade do sacramento depender da pureza do ministro, o Santo de Hipona fixou que a eficácia sacramental vem de Cristo, e desenhou a Igreja como um só corpo, unido pela caridade e não pela impecabilidade de seus membros – mensagem fundamental em tempos de escândalo e de condenações públicas, baseadas em pecados objetivos, mas que não podem nos afastar do encontro com Cristo.

Na reflexão de Agostinho sobre a história humana, as duas cidades permanecem misturadas ao longo do tempo. Elas são formadas por

dois amores contrários: a cidade terrena, pelo amor de si levado até o desprezo de Deus; a cidade de Deus, pelo amor de Deus levado até o descentramento de si. Daí uma lição que continua difícil de aprender em tempos de polarização: nenhum partido, nação ou projeto de poder coincide plenamente com a cidade de Deus. A fronteira decisiva não se deixa reduzir às identidades políticas, pois também diz respeito à orientação dos amores que governam cada pessoa e cada comunidade.

Dos ensinamentos de Agostinho brota a leitura que Leão XIV faz da sinodalidade: menos a disputa sobre quem decide, mais a pergunta sobre como guardar juntos o dom confiado a todos. A autoridade, tema de sua tese doutoral sobre o governo das comunidades agostinianas, aparece como serviço; a unidade, como critério sem que isso signifique uniformidade; e a humildade e a escuta, como virtudes necessárias a todos.

Opinião

Roubo da Consciência

LUIZ ANTONIO ARAUJO PIERRE

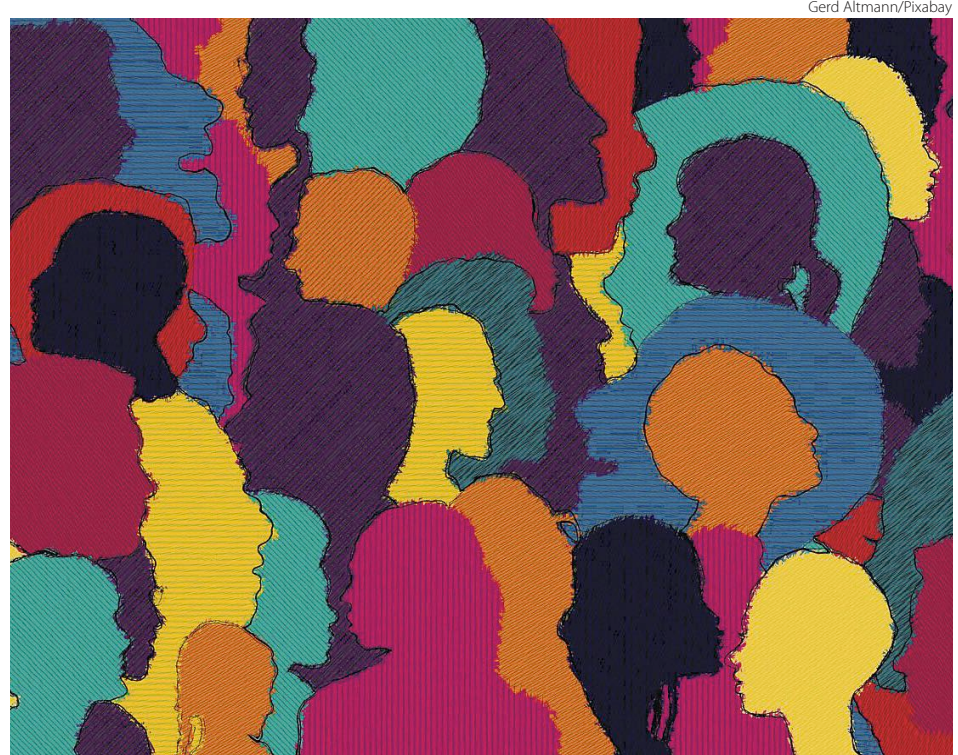
Em meio às violências contemporâneas, faz parte da nossa convivência diária, adquirindo extrema importância e trazendo consequências profundas, o que vou chamar de “Roubo da Consciência”.

Este fenômeno não é capaz de, diretamente, tirar a vida, mas o faz de modo indireto, pois acarreta a perda da noção da pessoa que deixa de agir por vontade própria, sendo continuamente manipulada por motivações externas e com prejuízo à sua saúde emocional.

O que caracteriza o “Roubo da Consciência” é justamente a manipulação emocional, o abuso psicológico e a excessiva crença em determinadas informações, que são insistentemente impostas.

Funciona como um sistema controlador do pensamento individual, de grupo ou, até mesmo, de parte da sociedade, por meio de mensagens contínuas, com conclusões já concebidas sobre os temas abordados, não permitindo um discernimento sobre os assuntos.

Neste modelo de comunicação, há apenas permissão para a adesão às ideias propostas. Quem não adere se sente excluído, ficando com sentimento de culpa por não acompanhar o grupo. As redes sociais estão se tornando os principais canais deste roubo de consciência coletivo,



Gerd Altmann/Pixabay

predominantemente por meio dos grupos de WhatsApp.

A consciência é influenciada pelo inconsciente por meio das informações recebidas. Quando estas informações são captadas como únicas e inquestionáveis, moldam o pensar e o agir, caracterizando um verdadeiro “Roubo da Consciência”.

É uma influência invisível, mas potente pelos algoritmos das redes sociais, que direcionam sempre os argumentos para um único ponto de vista. Esta avalanche de conceitos “indiscutíveis”, somada às emoções

de pertença das pessoas, levam a decisões impensadas, não elaboradas e, sobretudo, não conscientes.

Existe a sensação de estar decidindo, quando, na verdade, essas decisões já foram tomadas anteriormente a partir dos interesses de quem envia as mensagens em escala que atingem milhões de pessoas. Aquela “verdade” que se apresenta na qual se acredita e com base na qual se adquire a certeza para tomar decisões, não existe. O que parece ser uma decisão consciente é uma decisão guiada por terceiros.

Há um controle mental sobre determinados “dogmas”, com os quais a pessoa passa a se identificar de tal forma que se quisesse, eventualmente, discordar do grupo, seria excluída, “cancelada”. E esta é uma sensação que assusta.

Contudo, este seria o momento crucial para buscar a liberdade de pensar e entender que se pode discordar, recuperando sua liberdade, podendo ouvir outras teses sobre os assuntos em discussão, e, então, concordar ou discordar, mas de forma consciente.

Para sair dessa condição – no sentido junguiano – não cabe “desligar” as influências. Para Carl Jung, o caminho é outro: tornar-se consciente daquilo que está moldando você. Não é uma fuga. É um processo de integração.

É preciso questionar o próprio modo de pensar, buscando possíveis alternativas àquela convicção: quais são os parâmetros do tema em questão? Quem é o autor e quais são as fontes? Quem pensa diversamente? Qual é a formação desta pessoa? Há comprovações teóricas ou factuais sobre aquilo que você considera certo?

O caminho, sempre, é buscar a verdade, com discernimento e intenção, pois, mesmo diante de influências externas, somos responsáveis por nossas escolhas e por suas consequências.

Luiz Antonio Araujo Pierre, membro do Movimento dos Foculares, é professor, advogado e sociólogo.

Espiritualidade

Palavra que permanece



DOM CARLOS SILVA, OFMCA
BISPO AUXILIAR DA
ARQUIDIOCESE NA
REGIÃO BRASILÂNDIA

Há palavras que informam, outras que emocionam. Há também palavras que permanecem. A Palavra de Deus pertence a esta última categoria: não é apenas um texto antigo a ser conhecido, mas uma Palavra viva, capaz de reunir, iluminar e transformar aqueles que a acolhem. A Igreja nasce da Palavra, vive da Palavra e nela encontra o caminho para cumprir sua missão no mundo.

Há, portanto, uma relação inseparável entre a Igreja e a Palavra de Deus. Deus fala, chama e reúne. É a escuta dessa Palavra que faz nascer o povo de Deus como comunidade convocada. Por isso, a Igreja não pode ser compreendida apenas como organização, estrutura ou conjunto de atividades pastorais. Antes de tudo, é uma comunidade que escuta, acolhe e se deixa conduzir por Deus.

Essa perspectiva ajuda também a compreender o sentido da missão. Uma Igreja que não se deixa evangelizar pela Palavra corre o risco de transformar a evangelização em mera transmissão de ideias ou multiplicação de ativida-

des. A missão cristã começa sempre pela escuta. É porque primeiro recebemos uma Boa-Nova que podemos anunciá-la. É porque fomos alcançados pela Palavra que podemos nos tornar suas testemunhas.

No Brasil, o mês de setembro nos oferece uma ocasião privilegiada para recuperar essa centralidade. Em 2026, o Mês da Bíblia propõe o livro de Daniel, marcado por narrativas de fidelidade, resistência e esperança em meio às adversidades. O texto bíblico nos apresenta um povo submetido à pressão de grandes poderes, mas que não permite que as circunstâncias determinem sua fidelidade a Deus.

Nesse horizonte, ganha força a visão messiânica do profeta Daniel: “Foi-Lhe entregue o domínio, a majestade e a realeza, e todos os povos, nações e línguas O serviram. O Seu domínio é domínio eterno, que não passará jamais, e a Sua realeza não será destruída” (Dn 7,14). Muitos séculos antes da encarnação, Daniel contempla, na esperança, o Reino da-quele que viria.

Essa visão continua provocadora. Os impérios passam. As estruturas humanas mudam. Poderes que parecem absolutos descobrem seus limites. A Palavra, porém, aponta para aquilo que permanece. O Reino de Deus não se sustenta na força, na dominação ou no medo, mas se manifesta na justiça, na verdade, na misericórdia e na dignidade de cada pessoa.

Por isso, a Palavra de Deus é luz-zeiro de esperança. Ela não nos retira da realidade nem nos convida à espera passiva. Ao contrário, abre nossos olhos para discernir o presente e dá

coragem para transformá-lo. A esperança bíblica não é fuga do mundo; é força para permanecer fiel dentro dele.

Uma comunidade verdadeiramente alimentada pela Palavra aprende a olhar a realidade com os olhos de Deus. Por isso, a animação bíblica não pode ser apenas mais uma atividade na agenda pastoral. A Palavra deve atravessar a catequese, a liturgia, a formação, a ação missionária e o compromisso social da Igreja. Toda a vida pastoral encontra nela uma fonte de inspiração e um critério de discernimento.

Celebrar o Mês da Bíblia, portanto, é muito mais do que promover encontros ou incentivar a leitura da Escritura. É permitir que Deus volte a falar ao coração de seu povo. É deixar que Sua Palavra nos reúna, nos converta e nos envie.

Daniel nos ensina que a esperança pode florescer mesmo em tempos difíceis. E a Igreja de hoje precisa dessa esperança. Diante de um mundo marcado por conflitos, desigualdades, polarizações, incertezas e tantas formas de desumanização, somos chamados a testemunhar que nenhum poder é definitivo e nenhuma noite é eterna.

A Palavra permanece como luz-zeiro no caminho. Ela nos recorda de que a história não está entregue ao acaso e que o Reino de Deus já desponta onde a vida é defendida, a justiça é buscada, o perdão vence a violência e homens e mulheres se reconhecem irmãos.

Escutar a Palavra é renovar a esperança. E renovar a esperança é assumir, no tempo presente, a responsabilidade de construir sinais do Reino que não passará.

Você Pergunta

‘Eu menti sobre há quanto tempo me confessei. A Confissão foi válida mesmo assim?’

PADRE CIDO PEREIRA
osaopaulo@uol.com.br

A dúvida a seguir foi enviada pelo José Pereira, de Brasília (DF). “Padre Cido: na última vez em que me confessei, o padre me perguntou há quanto tempo tinha sido a última Confissão. Eu falei que havia dois meses, mas, na verdade, era apenas um mês. Fiquei com vergonha de falar que tinha pouco tempo. A minha confissão foi válida? Não omiti nenhum pecado...”

Meu irmão, não há motivos para ter vergonha pelo pouco tempo entre uma Confissão e outra. Se isso não for sintoma de um escrúpulo que só complica a vida do crente, tudo bem. Há pessoas que vivem sob o domínio do medo do inferno, do medo do próprio pecado. Isso não é bom. É verdade que nós passamos de uma mentalidade escrupulosa em que tudo era pecado a uma mentalidade exageradamente liberal em que nada é pecado. Temos, porém, de achar o equilíbrio diante dessa realidade.

Antes de cada Confissão, estes elementos são fundamentais: que o penitente faça um exame de consciência tranquilo e minucioso, capaz de apontar as causas de seus pecados; que tenha um arrependimento verdadeiro e não apenas um sentimento de culpa doentio; que confesse os pecados sem a necessidade de contar a história de cada um deles; que o padre, em nome da Santíssima Trindade, dê a absolvição; e, finalmente, que o penitente cumpra a penitência que for indicada pelo padre.

Coragem, José Pereira. Se você foi sincero ao falar de seus pecados, sim, a Confissão foi válida, mas da próxima vez não tenha medo de dizer há quanto tempo você se confessou. Isso vai ajudar o padre a orientá-lo melhor na vida espiritual. Fique com Deus!

Comportamento

O que nos cabe

ALECSANDRO A. DE SOUZA

Há prestígio no desespero. Quem anuncia a catástrofe parece mais lúcido do que quem ainda espera; quem declara que nada mudará parece conhecer melhor os homens do que quem insiste em agir. O desencanto virou credencial intelectual. Também no Brasil é fácil ceder: basta abrir o jornal para concluir que sabemos como tudo terminará.

Em 23 de setembro, a Igreja celebra São Pio de Pietrelcina. Padre Pio atravessou duas guerras, sofreu investigações e restrições em seu ministério sacerdotal e ouviu penitentes confiarem-lhe o que os homens preferem esconder. Ainda assim, ficou associada a ele uma máxima desconcertante: **rezar, esperar, não se preocupar**.

Maria Winowska mostra como Padre Pio unia oração e meios humanos. Segundo a biógrafa, insistia para que os doentes procurassem os médicos: era preciso primeiro esgotar os recursos naturais. Diante de uma operação difícil, respondia invariavelmente: “Faça a operação”. E acrescentava que rezaria muito. “A oração ajuda o bisturi”, observa Winowska. Não era indiferença nem passividade: era fazer o que nos cabe e confiar a Deus o que não está em nossas mãos.

Foi assim que Karol Wojtyła agiu em 1962. Em

Roma para o Concílio Vaticano II, soube que sua amiga Wanda Póltawska, médica, sobrevivente de Ravensbrück e mãe de quatro filhas, estava internada com suspeita de câncer e com operação já marcada. Não procurou substituir o tratamento. Escreveu a Padre Pio, pedindo que rezasse por ela. Dias depois, antes da cirurgia, os médicos constataram uma recuperação inesperada. Em 28 de novembro, escreveu de novo. Para agradecer. Quarenta anos depois, João Paulo II canonizaria aquele frade.

Não conto a história como prova da eficácia da oração. Seria transformar Deus em um mecanismo e a fé em uma técnica. O que me interessa não é a cura, mas o que Wojtyła fez antes de saber se haveria cura.

Isso ajuda a compreender o homem que, em outubro de 1978, disse na Praça São Pedro: “Não tens medo”. Não era psicologia positiva. Wojtyła perdera cedo a mãe, o irmão e o pai; vivera a ocupação nazista, trabalhara em uma pedreira e estudara para o sacerdócio na clandestinidade. Depois, convivera sob o comunismo. Sua coragem não se fundava na certeza de um desfecho favorável, mas em Cristo.

Já Papa, guardava sob o tampo do genuflexório de sua capela pedidos de oração vindos do mundo inteiro. Falava de uma geografia da oração. Cercado de relatórios, crises e chefes de Estado, fazia diante de

Cristo um movimento inverso ao da política: devolvia nomes ao mapa.

Há semanas, tentando levar isso a sério, carrego uma lista de nomes: ministros, juizes, parlamentares, pessoas cuja atuação acompanho de perto. Procuro rezar por elas. Algumas entraram facilmente; outras ainda não entraram, e sei quais são. A lista não mudou ninguém, mas muda como leio certas notícias. É difícil reduzir alguém ao adversário quando se tentou colocá-lo diante de Deus.

Não escrevo como quem aprendeu a lição; ainda a estou aprendendo. Talvez o leitor também conheça essa dificuldade: há nomes que a inteligência admite na oração, mas que o coração demora a aceitar.

Talvez pessimista e otimista se pareçam mais do que imaginam. Ambos querem saber como a história termina: *um anuncia a catástrofe; o outro, o final feliz*. A esperança cristã não é uma terceira previsão. Não sabe se amanhã as notícias serão melhores. Faz outra pergunta: em quem confio? O que me cabe fazer hoje?

É por isso que o desespero tem prestígio: parece lucidez e, no fim, dispensa-nos de continuar. A esperança exige o contrário: agir sem a garantia de vencer. **Rezar, esperar, não se preocupar** não é desconhecer o noticiário. É recusar ao noticiário a última palavra.

Alecsandro A. de Souza é administrador de empresas.

Formação arquidiocesana destaca a Palavra de Deus na Liturgia

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

A Comissão Arquidiocesana de Liturgia (CAL) promoveu no sábado, 19, uma formação em âmbito arquidiocesano sobre a Palavra de Deus na Liturgia, com a assessoria do Padre Luiz Eduardo Pinheiro Baronto, liturgista, professor universitário, Cura da Catedral da Sé e Coordenador Arquidiocesano da Comissão da Santificação.

O encontro no Centro Universitário Assunção, na zona Sul, teve início com a oração das laudes, durante a qual se fez memória do Cônego Helmo Cesar Faccioli, que faleceu em 31 de agosto, aos 77 anos. Referência no cuidado com a Liturgia, ele atuou como Assistente Eclesiástico da CAL. “Queremos pedir ao Senhor que o acolha junto aos anjos e santos na liturgia celeste e o recompense por todo bem que fez”, expressou Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese e Referencial para a Liturgia Arquidiocesana.

Ainda no momento oracional, Dom Edilson exortou: “Que nós, como Maria, possamos meditar a Palavra do Senhor no coração e transformá-la em ação, para que se faça carne em nossa vida por meio do nosso testemunho, e que nossas liturgias ajudem nossos irmãos a acolherem, compreenderem e se fortalecerem na fé”.

A PALAVRA DE DEUS TEM ROSTO

Inicialmente, Padre Baronto sublinhou que a Palavra de Deus não é um texto nem um livro, mas sim uma pessoa: Jesus Cristo: “Ela tem rosto, tem corpo, tem voz. Não é uma palavra etérea, mas que se torna carne; por isso, podemos ouvir o que Ele nos fala”.

O Sacerdote também explicou que a Palavra de Deus, pela qual tudo foi criado, fez-se carne a partir da vinda de Cristo, sendo, assim, a presença real de Deus agindo no mundo.

RELAÇÃO DIALÓGICA

Padre Baronto lembrou que a Liturgia da missa é baseada na relação dialógica que Deus estabelece com a humanidade.

O Senhor, em sua grande ternura,



Padre Luiz Baronto conduz formação de Liturgia realizada no Centro Universitário Assunção

elevou o homem à dignidade de Seu interlocutor, razão pela qual, na Liturgia, Deus fala aos fiéis e estes com Ele dialogam. O conferencista recorreu que a melhor palavra para que se entenda esta relação é “bendizer”: na Liturgia, Deus bendiz o ser humano – fala bem daquele que criou e o abençoa, especialmente ao oferecer o seu próprio Filho – ao mesmo tempo em que os fiéis bendizem a Deus, expressando gratidão pelo bem que Ele fez.

Entretanto, por mais bem celebrada que seja a Liturgia, a Palavra de Deus só alcançará toda sua potência se encontrar corações dispostos a acolhê-la, acreditando na Palavra proclamada e abertos à sua novidade, não julgando saber tudo de uma leitura por já tê-la ouvido anteriormente.

O Cura da Catedral da Sé também sublinhou que apenas ao ser proclamada na celebração é que há sacralidade na Palavra de Deus. Assim, a simples leitura da Bíblia como um livro não tem valor sacramental. “Quando esta Palavra sai do texto e vira voz, ela é sacramento, deixa de ser um livro e torna-se Palavra dita aqui e agora, e isso se dá pela ação do Espírito Santo”, afirmou, detalhando que essa ação do Espírito se dá tanto no leitor – razão pela qual deve estar bem preparado para proclamar a Palavra – quanto na assembleia de fiéis, que precisa ouvi-la com toda a atenção.

Padre Baronto mencionou que essa dinâmica de diálogo ocorre em diferentes momentos da missa, como na reza em dois coros, nos salmos (a assembleia responde ao salmo proclamado pelo salmista), no silenciar para

a escuta da Palavra, no canto da aclamação do Evangelho, no Creio e nas preces.

UM SÓ ATO DE CULTO

Ainda de acordo com o conferencista, os sinais sensíveis da Liturgia da Palavra – como o livro com as Sagradas Escrituras, o leitor com as vestes litúrgicas, o ambão, o incenso, as velas, o crucifixo, a procissão – têm a finalidade de conduzir as pessoas à realidade invisível de que Deus dialoga com quem participa da Liturgia.

Padre Baronto também enfatizou que na missa a presença de Cristo está tanto na Palavra proclamada quanto na Eucaristia. Ele citou dois documentos conciliares que versam sobre este aspecto: a constituição dogmática *Dei Verbum* afirma que “a Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da Palavra de Deus quer da do Corpo de Cristo” (DV 21); e a constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium* aponta que Cristo está sempre presente em sua Igreja, especialmente no sacrifício da missa, quer na pessoa do ministro (o sacerdote), quer nas espécies eucarísticas, quer na Sagrada Escritura proclamada (cf. SC 7).

Desse modo, a missa é um só ato de culto, que consta de duas partes: a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística, conforme detalhado na *Sacrosanctum Concilium*: “Estão tão intimamente ligadas entre si as duas partes de que se compõe, de algum modo, a

missa – a liturgia da Palavra e a liturgia eucarística – que formam um só ato de culto. Por isso, o sagrado Concílio exorta com veemência os pastores de almas a instruírem bem os fiéis, na catequese, sobre o dever de ouvir a missa inteira, especialmente nos domingos e festas de preceito” (SC 56).

O conferencista explicou, ainda, que toda liturgia sacramental é sempre precedida de uma liturgia da Palavra, pois “nossa compreensão sobre a ação sacramental depende da nossa compreensão e da fé na Palavra de Deus”.

ALGUMAS RECOMENDAÇÕES

Na parte final do encontro, Padre Baronto tratou de alguns aspectos elementares àqueles que participam da organização da Liturgia nas paróquias. Uma orientação é que leiam o Lecionário, pois nele se pode encontrar, de modo organizado, as leituras das celebrações.

Também sublinhou que se deve ter ciência de que, por meio do ministério do leitor, Deus realiza seu colóquio com a humanidade. Por isso, ao leitor cabe proclamar a Palavra de modo compreensível e com entonação compatível com a mensagem que ela contém.

A todos os que participam da ação litúrgica, recomenda-se especial atenção à valorização dos momentos de silêncio para que possam bem ouvir e meditar a Palavra do Senhor, como apontado pelo Papa Bento XVI na exortação *Verbum Domini* (cf. VD 124).

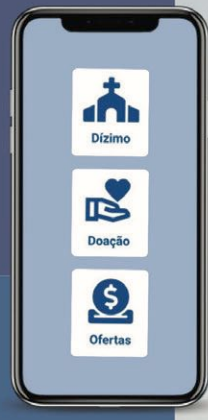
Também é importante que se resguarde a dignidade do ambão, não o usando para discursos ou avisos paroquiais. As leituras nele proclamadas devem ser feitas a partir do Lecionário e do Evangeliário, e não de folhetos ou livretos.

Antes da bênção final, Dom Edilson pediu aos participantes que compartilhem em suas paróquias os conhecimentos que adquiriram e lembrou que, com estas iniciativas formativas, a Comissão Arquidiocesana de Liturgia tem buscado ajudar cada vez mais os fiéis a melhor celebrar a Liturgia, na medida em que compreendem o que é celebrado.



O MELHOR SISTEMA DE GESTÃO ECLESIAL DO BRASIL- 1987

Fortalecendo dioceses, paróquias e comunidades.



Dízimo

Doação

Ofertas

SOLUÇÕES ECLESIAIS

Financeiro
Controle Financeiro por centro de custos

Contábil
ECD, ECF

Folha de pagamento
EFD-Reinf

Gestão de Eventos
Sistema para eventos, quermesses, festas juninas etc.

Orgdom
APP diocesano e paroquial

OrgSmart
Captura de notas fiscais eletrônicas

Conciliação bancária eletrônica

Gestão pastoral, chancelaria, controle patrimonial e tribunal

ENTRE EM CONTATO



www.orgeclesial.com.br

reinaldo@orgeclesial.com.br

Orgeclesial

@orgeclesial

Escritório Franca

Rua Minas Gerais, 2041, Vila Aparecida Franca SP

16 99275-1899

16 2103-6166

Escritório São Paulo

Av. Paulista, 765, 7 Andar, Bela Vista São Paulo SP

16 99266-8613

11 2450-7344

Paróquia Nossa Senhora da Expectação inicia jubileu de 230 anos com suas 'Pedras vivas, alegres na esperança'

Fotos Luciney Martins/O SÃO PAULO



'Continuem a ser o sinal de Deus para todo o bairro e esta região da cidade', exorta Dom Odilo na missa de abertura do jubileu de 230 anos da Paróquia Nossa Senhora da Expectação

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Instalada no alto da Freguesia do Ó, a matriz da Paróquia Nossa Senhora da Expectação, na Região Brasilândia, chama a atenção dos que a veem de longe e encanta a quem a adentra para participar das missas ou para rezar diante do altar-mor e das imagens sacras.

No dia 15, a comunidade de fiéis deu início à comemoração dos 230 anos da Paróquia, destacando que ela é muito mais do que o templo: está aliçada no testemunho de fé das pessoas, de ontem e de hoje, suas "Pedras vivas, alegres na esperança", tema deste ano jubilar.

"Muita gente passou por aqui antes de nós, trabalhou, fez a sua parte. Nesta missa, queremos agradecer a Deus por todos eles e, ao mesmo tempo, pedir por vocês, que hoje são a Paróquia Nossa Senhora da Expectação, para que continuem a ser o sinal de Deus para todo o bairro e esta região da cidade", afirmou o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano, ao saudar os fiéis na missa de abertura do ano jubilar, concelebrada pelo Padre Jorge da Silva, Pároco, e sacerdotes que já atuaram na Paróquia.

RESILIÊNCIA NA FÉ

A Paróquia Nossa Senhora da Expectação foi fundada em 15 de setembro de 1796, quando a Rainha de Portugal, Maria I, decretou a tripartição da Freguesia da Sé, até então a única da Diocese de São Paulo, criando as Freguesias de Nossa Senhora da Penha de França e de Nossa Senhora do Ó. A palavra freguesia, à época, remetia à expressão *fili ecclesiae*, o lugar dos 'Filhos da Igreja', hoje equivalente ao que se entende por paróquia.

A tradição da fé católica na região, porém, data do início do século XVII, quando o bandeirante português Manuel Preto e sua esposa, Águeda Rodrigues, construíram uma capela dedicada a Nossa Senhora da Esperança (Expectação), que rapidamente ficou conhecida como Capela de Nossa Se-

nhora do Ó, em razão das Antífonas do Ó, recitadas nos festejos da padroeira. Com a deterioração das estruturas do templo, outra capela foi construída no alto de uma colina e tornou-se a matriz quando da criação da Paróquia em 1796. Entretanto, um incêndio a consumiu em setembro de 1896. Graças ao engajamento da comunidade, uma nova igreja foi inaugurada – a atual matriz – em 1901.

PEDRAS VIVAS

Em entrevista ao O SÃO PAULO, Padre Jorge da Silva destacou que a escolha do tema para celebrar o jubileu ressalta o papel de todos os que nestes 230 anos deram seu testemunho da fé: "Todos aqui são como um tijolinho e, unidos, formam a Igreja de Jesus, as pedras vivas, da qual nos fala São Paulo Apóstolo".

Leonardo Sassi, ministro extraordinário da Sagrada Comunhão e integrante da comissão preparatória do jubileu, explicou que o tema busca fortalecer a identidade da Paróquia: "O nosso bairro foi moldado em volta da igreja e não do prédio. Pertencer ao prédio é uma coisa, pertencer à comunidade é outra. Prova disso é que sobrevivemos à perda da primeira igreja por um incêndio e, cinco anos depois, inaugurou-se todo este templo. Como batizados, somos as pedras vivas que carregam o nome do Cristo e que juntas formam a comunidade. E o 'alegres na esperança' recorda a nossa padroeira, Nossa Senhora da Expectação".

Dom Odilo, na homilia, cumprimentou a comunidade pela escolha do tema e lembrou que cada batizado "é como uma pedra viva na edificação do templo espiritual, a Igreja do Deus vivo. Ela, portanto, não é o templo, é a comunidade reunida em nome do Senhor".

O Arcebispo desejou que, a partir do tema, todos percebam que são chamados a tomar parte nas ações da Igreja, celebrando a fé na liturgia, transmitindo-a às novas gerações, vivendo os sacramentos e dando testemunho cristão, o que inclui a realiza-

ção das obras de misericórdia. "Onde está a Igreja de Jesus, ali deve se irradiar a caridade de Cristo", enfatizou.

GRATOS AO PASSADO, ESPERANÇOSOS NO FUTURO

Ao longo do jubileu, a Paróquia fará uma exposição fotográfica para recordar fatos e pessoas que fizeram parte destes 230 anos e apresentará uma maquete da primeira sede paroquial. Além disso, no dia 15 de cada mês, serão celebradas missas em ação de graças pelo ano jubilar.

Quem for ao templo também poderá saber mais sobre a tradicional Festa do Divino Espírito, realizada desde 1821, na Solenidade de Pentecostes, reconhecida pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp), em maio de 2025, como patrimônio cultural imaterial da cidade de São Paulo.

Maria Lúcia Miserochi de Oliveira Lins, 80, atual curadora da Festa do Divino, se diz orgulhosa de ver a Paróquia manter-se como referência para o bairro, mesmo com a chegada de novos moradores: "Hoje, nas missas, eu cumprimento muita gente que ainda não conheço; não são pessoas das famílias tradicionais aqui da Freguesia. Fico muito feliz com isso, pois é sinal de que a Casa da Mãe está 'botando os seus tentáculos' por toda a Freguesia do Ó".

Percepção similar tem Carlos Mikola, integrante do conselho administrativo e que vive no bairro desde 1952: "Sempre tenho visto nas missas muita gente nova. E são cada vez mais famílias, pais e mães com as suas criancinhas".

De acordo com Padre Jorge, as missas estão cada vez mais cheias e tem havido intensa procura pelos sacramentos de Iniciação à Vida Cristã: atualmente há cerca de 600 crianças na catequese e três turmas de catequese de adultos; além disso, cinco turmas de crismandos receberam o sacramento da Confirmação neste ano e muitos deles têm participado do grupo de jovens, que conta com aproximadamen-

te 100 membros ativos.

Diácono Benedito Camargo, que por décadas atuou na Paróquia e se dedica a resguardar sua história, lembrou à reportagem que uma das marcas da comunidade é atuar alinhada à Doutrina Social da Igreja, o que proporcionou algumas conquistas para a região, como a casa de cultura da Freguesia do Ó, a instalação da Linha 6 do Metrô (parcialmente inaugurada), além de hospitais e escolas: "Estamos mergulhados na realidade que nos cerca, mas sem perder a nossa identidade católica, a nossa marca. Não ficamos apenas na dimensão da celebração religiosa e nas questões doutrinárias".

A comunidade paroquial tem participado ativamente das discussões sobre o projeto de criação, por parte da Prefeitura de São Paulo, de um *boulevard* no Largo da Matriz. "Se soubermos aproveitar a instalação do *boulevard*, será um bom espaço para a evangelização. Sempre temos de nos perguntar o que Jesus faria diante das novas realidades", avaliou o Diácono.

IRRADIAR A PRESENÇA DE DEUS

"Que Deus abençoe esta Paróquia da Freguesia do Ó, que está bem no alto, visível, e que ela continue a irradiar a presença de Deus neste pedaço da nossa cidade", desejou o Cardeal Scherer na missa, em que foi homenageado e especialmente abraçado por dezenas de crianças.

"Ontem, outros construíram; hoje, nós somos chamados a construir; e amanhã, outros continuarão a missão. Esta história que recebemos é também uma responsabilidade que assumimos. Que possamos permanecer unidos, como verdadeiras pedras vivas, colocando nossos dons, nossa fé e nossa vida a serviço desta comunidade, para que ela continue sendo um lugar de encontro com Cristo e de anúncio do Evangelho", exortou Padre Jorge da Silva em mensagem especial dirigida aos fiéis na ocasião.

Todos os detalhes sobre o jubileu de 230 anos podem ser vistos no Instagram (@senhoradoo).

Instituto Som Dá Vida atua para a autonomia e inclusão das pessoas surdas na sociedade

JENNIFFER SILVA
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Viajar, trabalhar e conquistar a própria independência eram sonhos que, por muito tempo, pareciam distantes para Danilo Fernandes, 41. Pessoa surda, ele não conseguia ter em mente os caminhos que poderiam levá-lo a esses e outros objetivos.

Aos poucos, porém, as dificuldades impostas pela surdez foram deixando de ocupar o centro de sua história, enquanto crescia a vontade de estudar e construir novos caminhos. Hoje, formado em Pedagogia, Danilo mora sozinho em São Paulo e, por causa da profissão, já teve a oportunidade de conhecer mais de dez cidades brasileiras. Sua trajetória começou a mudar quando conheceu o Instituto Som Dá Vida, instituição que, desde 2022, promove o acolhimento de pessoas com deficiência auditiva, oferecendo suporte emocional, educacional e profissional. O jornal O SÃO PAULO a destaca nesta reportagem no contexto do Setembro Azul, que ressalta os direitos da comunidade surda no Brasil.

“A oportunidade que o Instituto me ofereceu foi uma forma de abrir a minha cabeça, de conhecer novas possibilidades e de entender que eu também tinha liberdade para aprender, interagir e construir o meu próprio caminho. Aos poucos, fui sendo preparado para trabalhar e me relacionar, ao mesmo tempo em que conhecia pessoas e encontrava oportunidades que antes eu não imaginava que poderiam existir para mim”, recordou o pedagogo, que atualmente é um dos voluntários da instituição.

A PARTIR DA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA

O Instituto Som Dá Vida é uma organização da sociedade civil de impacto social, fundada por Robson Soares Costa, doutor em Ciências e empresário, a partir de sua experiência como uma pessoa surda oralizada e usuária da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Com quase 7 mil pessoas beneficia-



Instituto Som Dá Vida proporciona suporte emocional, educacional e profissional a pessoas com deficiência auditiva

das diretamente, a instituição desenvolve projetos nas áreas de acessibilidade, cultura, capacitação, empregabilidade e geração de renda, ampliando oportunidades e fortalecendo a autonomia da comunidade surda. Também atua junto a famílias, crianças de até 12 anos, além de pessoas com deficiência auditiva e surdez, familiares, cuidadores, estudantes, profissionais, empresas, educadores e outros interessados em contribuir para a construção de uma sociedade mais acessível, inclusiva e humana.

Robson, hoje com 53 anos, nasceu surdo e passou 12 anos em tratamento para desenvolver a oralização. Segundo ele, o acompanhamento e o apoio familiar foram fundamentais para sua formação. A experiência adquirida ao longo desse processo fez com que começasse a orientar outras pessoas, inicialmente com conversas e apoio a famílias. Depois, passou a refletir sobre como poderia devolver à sociedade parte das oportunidades que recebeu.

“Nós entendemos que trabalhamos com uma parte complementar àquilo que o Estado não consegue fazer. Nosso foco é trabalhar diretamente com as pessoas e promover o desenvolvimento humano”, explicou Robson,

cujas trajetória também serviu de referência para a elaboração do plano de trabalho do Instituto.

PILARES PARA AMPLIAR OPORTUNIDADES

Com uma equipe de 11 voluntários, o Instituto Som Dá Vida atua ancorado nos pilares da frente biopsicossocial, da educação social, das habilidades humanas e da economia solidária; e desenvolve ações voltadas à inclusão, à autonomia e à ampliação de oportunidades para pessoas surdas e com deficiência auditiva.

Na frente biopsicossocial, o trabalho busca atender necessidades que ultrapassam a questão da acessibilidade. Em parceria com outras instituições, o Instituto promove exames laboratoriais, oferece atendimento na área da saúde e realiza a doação de cestas básicas, ações que já beneficiaram cerca de 120 pessoas.

Na área da educação social, a organização investe em formação, capacitação e educação inclusiva como instrumentos para ampliar o acesso ao conhecimento e fortalecer a cidadania. Entre as iniciativas estão capacitações em cinema e teatro. As ações já alcançaram 40 jovens com defici-



Fotos: Instituto Som Dá Vida

ência auditiva e impactaram cerca de 70 pessoas.

Por meio de parcerias com intérpretes de Libras, produtoras de teatro, projetos e espaços culturais, a organização amplia a participação de pessoas surdas e com deficiência auditiva em atividades culturais. Desde 2022, foram realizados 150 espetáculos e distribuídos 3 mil ingressos gratuitos para esse público. A organização também desenvolve e inscreve projetos em editais de incentivo à cultura, buscando ampliar a presença da comunidade surda em diferentes linguagens artísticas.

No campo das habilidades humanas e da economia solidária, o foco está na empregabilidade, no empreendedorismo, nos negócios de impacto social e na geração de renda. A proposta é criar condições para que pessoas surdas e com deficiência auditiva ampliem sua independência financeira e assumam maior protagonismo na vida profissional. Desde 2022, as ações desenvolvidas nessa frente já impactaram cerca de 500 pessoas.

Para conhecer mais sobre o Instituto Som Dá Vida, os canais de contato são o telefone (11) 99007-5924 e o e-mail do fundador robsoncosta@institutosomdavidavida.org.br.

Transforme o seu futuro no ASSUNÇÃO! Escolha estudar em um Centro Universitário com nota MÁXIMA no MEC, tradição em ensino de qualidade e compromisso com a sua formação. Aqui, você conquista sua **Graduação com 50% de desconto*** e tem acesso a cursos de **Pós-Graduação com condições e descontos especiais** e oportunidades únicas para crescer profissionalmente.

*Desconto exclusivo para ingressantes via Projeto "Vamos Sonhar Juntos"

INSCREVA-SE JÁ!

Aulas das 19h às 21h50,
on-line ao vivo às sextas

Rua Afonso Celso, 711 (Metrô Santa Cruz) - Vila Mariana

www.unifai.edu.br

WhatsApp

(11) 5087-0187



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na internet, com mais artigos e links citados.

De Agostinho a Leão XIV: no amor, uma Igreja firme e humilde

Arte: Sergio Ricciuto Conte



Na sua primeira bênção *Urbi et Orbi*, em 8 de maio de 2025, Leão XIV apresentou-se **afirmando**: “Sou agostiniano, um filho de Santo Agostinho, que dizia: Convosco sou cristão e para vós sou bispo”. A citação não foi de um momento isolado: desde então, o Papa tem reiteradas vezes citado Santo Agostinho. Repetem-se alguns motivos – amor, escuta, humildade, unidade e autoridade como serviço – que o próprio Pontífice associa à tradição do santo de Hipona. Seguindo particularmente as mensagens endereçadas a seus irmãos agostinianos, é possível encontrar uma visão de Igreja fundada na experiência daqueles que sabem que “nosso coração está inquieto enquanto não repousa Nele”.

Francisco Borba
Ribeiro Neto*

Leão XIV, em um **discurso** ao Capítulo Geral da Ordem, lembra uma passagem de Santo Agostinho: “Amai o que sereis”. E continua lembrando que a formação religiosa não é “um conjunto de regras a observar ou de coisas a fazer ou, ainda, como um hábito já confeccionado para ser usado passivamente... [A vocação cristã] nasce somente quando se sente a atração por algo grande, de um amor que pode nutrir e saciar o coração”. Retoma, dessa forma, em chave agostiniana, um dos pontos centrais – se não o mais central – do magistério dos papas recentes: o Cristianismo nasce de um encontro, do fascínio despertado pela companhia de Cristo; não da adesão formal a normas ou costumes.

A **missa de abertura** deste mesmo Capítulo Geral foi, conforme é feito frequentemente em ocasiões como esta, uma celebração votiva ao Espírito Santo. Comentando a liturgia do dia, o Papa indicava três “sugestões” que podem orientar o caminho da Igreja: escuta, humildade e unidade. Vincula a escuta e a hu-

mildade ao dizer: “O Espírito Santo fala hoje, como no passado. Ele fala no *penetralia cordis* (profundezas do coração) e por meio dos irmãos e das circunstâncias da vida. Por isso, é importante que o clima do Capítulo, em harmonia com a tradição secular da Igreja, seja um clima de escuta, escuta de Deus, escuta dos outros [...] Santo Agostinho, comentando a variedade das formas com que o Espírito Santo, ao longo dos séculos, se derramou sobre o mundo, interpreta essa multiplicidade como um convite para nos tornarmos pequenos diante da liberdade e do mistério insondável da ação de Deus. Ninguém pense ter todas as respostas. Cada um partilhe com abertura o que tem. Todos acolham com fé o que o Senhor inspira, conscientes de que ‘quanto os céus estão elevados acima da terra’ (Is 55, 9), tanto os seus caminhos se elevam acima dos nossos caminhos e os seus pensamentos acima dos nossos pensamentos”.

Aqueles que, com humildade, se põem em uma postura de escuta, encontram na unidade “um objetivo irrenunciável” e “o critério de verificação do agir e trabalhar em conjunto, porque o que une vem Dele, mas o que

divide não pode vir Dele”. E, citando mais uma vez Santo Agostinho, Leão XIV conclui: “Tereis o Espírito Santo quando consentirdes que o vosso coração se entregue à unidade por meio de uma caridade sincera”.

A ênfase na humildade se manifesta, ainda, em sua visão sobre o papel da autoridade – tema ao qual se dedicou em sua tese de doutorado, *The office and authority of the Local Prior in the Order of Saint Augustine* (O ofício e a autoridade do Prior Local na Ordem de Santo Agostinho). **Falando** aos bispos recém-ordenados, Leão XIV declara: “Àqueles que Jesus chama como discípulos e anunciadores do Evangelho, em particular aos Doze, é pedida a liberdade interior, a pobreza de espírito e a disponibilidade para o serviço que nasce do amor, para encarnar a mesma escolha de Jesus, que se fez pobre para nos enriquecer (cf. 2Cor 8,9). Ele manifestou-nos o estilo de Deus, que não se revela a nós no poder, mas no amor de um Pai que nos chama à comunhão com Ele [...] Agostinho afirma: ‘Em primeiro lugar, quem preside o povo deve compreender que é servo de muitos’ [... Recorremos a advertência do Senhor] ‘Quem quiser ser grande entre vós, faça-se

Vosso servo, e quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se escravo de todos’ (Mc 10,43-44)”.

É nesse ponto que a linguagem agostiniana de Leão XIV ilumina o tema da sinodalidade, herdado do pontificado anterior. Ao encerrar o Consistório Extraordinário de 2026, Leão XIV **sublinha** que “a interrogação da sinodalidade não é sobretudo: quem tem o poder de decidir? A pergunta é mais profunda: como conservamos juntos o dom que o Senhor confiou à sua Igreja? Quando esta questão se torna o centro do nosso discernimento, também as questões da autoridade, da corresponsabilidade e das decisões encontram o seu devido lugar, iluminadas pela missão e fidelidade comum ao Evangelho”. No *Meeting* de Rimini de 2026, **declarou**: “A sinodalidade não é o nome de um processo, mas a natureza de um povo que, na amizade e no encontro com o outro, reconhece a sua pertença exclusiva a Deus”. Em tudo, a mesma escuta, a mesma humildade, a mesma unidade sem uniformidade que Agostinho ensinou a comunidades de Hipona, propostas agora como hábito de um povo inteiro.

*Sociólogo e biólogo, editor dos *Cadernos Fé e Cultura* e *Fé e Cidadania* do jornal O SÃO PAULO

Por que ler Santo Agostinho hoje?

Da Patrística à filosofia contemporânea, um bispo do século V continua a nos interpelar.



Wallace T. A. Sá*

Há pouco menos de dezesseis séculos, em 28 de agosto de 430, em um convento sitiado pelos vândalos, morria o bispo de Hipona, Aurélio Agostinho. Nascido em 354 na cidade norte-africana de Tagaste, hoje território da Argélia, ele percorreu um itinerário conturbado: aderiu ao maniqueísmo ainda jovem, passou depois pelo ceticismo da Nova Academia e converteu-se, por fim, ao Cristianismo, em um processo que narrou, décadas mais tarde, nas páginas comovidas das *Confissões*. Retórico de formação, professor em Cartago, Roma e Milão, tornou-se sacerdote e bispo contra a própria vontade e dedicou os últimos 35 anos de vida ao governo pastoral de Hipona, à polêmica contra maniqueus, donatistas e pelagianos, e a uma obra que ultrapassa cem títulos, entre tratados, cartas e sermões (Brown, 2000). Morreu enquanto sua cidade era cercada, com um império em colapso ao redor. É desse itinerário, e da obra imensa que dele resultou, que nascem os três motivos que aqui quero apresentar para justificar sua leitura hoje: um teológico, um filosófico e um pessoal.

Um bispo para a teologia. Começemos pelo mais óbvio. Do ponto de vista teológico, a atualidade de Agostinho dificilmente precisa de defesa. Ele é, com Tomás de Aquino, o pensador mais estudado de toda a tradição cristã ocidental. Sua doutrina da graça, sua exegese da Escritura, sua teologia trinitária e sua reflexão sobre o mal e o pecado original

atravessaram a Idade Média, moldaram a Reforma protestante e o Concílio de Trento, e continuam vivas nos manuais de teologia. Essa vitalidade pode ser aferida institucionalmente, e não apenas afirmada. Por exemplo, desde 1955, a revista francesa *Revue d'Études Augustiniennes et Patristiques*, que reúne diversos especialistas em Agostinho, publica, todo ano, um repertório bibliográfico que cataloga a produção mundial sobre ele em teologia, patrística, filosofia e história. Paralelamente, desde 1986, uma equipe internacional vem publicando o *Augustinus-Lexikon*, enciclopédia especializada que deverá reunir, ao final, cerca de 1,1 mil verbetes dedicados unicamente ao vocabulário e ao pensamento agostinianos. Poucos autores da Antiguidade justificariam um projeto assim. Para quem quiser se aproximar de Agostinho “teólogo”, indico duas portas de entrada, a saber: *A Trindade* (que trata do mistério da Santíssima Trindade), e *A Cidade de Deus* (que se tornou uma grande teologia da história, escrita em resposta ao saque de Roma em 410).

Um interlocutor para a filosofia. A relevância de Agostinho para a filosofia, porém, é um pouco diferente (e mais recente). Se, por um lado, a teologia sempre soube muito bem o que fazer com ele, por outro, no século XX, por vias distintas, autores como Étienne Gilson, Hannah Arendt e Martin Heidegger evidenciam a específica e importante contribuição filosófica de Agostinho para o nosso tempo, sobretudo nos temas da interioridade, da subjetividade e da memória. Mas foi principalmente a partir das últimas décadas daquele século (entre os anos 1980 e 2000), com

a redescoberta promovida pela tradição analítica (corrente filosófica de língua inglesa marcada pela busca de clareza conceitual e rigor lógico-argumentativo), que ele se consolidou como interlocutor da filosofia (contemporânea) da mente, da epistemologia e da filosofia da linguagem. Obras como *Augustine's Invention of the Inner Self*, de Phillip Cary (2000), ou a introdução que Gareth Matthews escreveu sobre sua vida e suas ideias, traduzida entre nós em 2007, ajudaram a consolidar essa leitura de Agostinho como interlocutor da filosofia da mente, da epistemologia e da filosofia da linguagem, e não apenas como Padre da Igreja.

Esse reconhecimento tardio, a meu ver, reforça sua estatura em vez de diminuí-la: um pensador que primeiro conquista os teólogos e, 15 séculos depois, ainda tem algo de novo a dizer aos filósofos dificilmente é apenas uma curiosidade histórica. É sintomático, aliás, que autores hoje distantes de qualquer confissão de fé (ou mesmo ateus) se dediquem a ele com seriedade acadêmica, caso de Moacyr Novaes, professor titular de Filosofia na Universidade de São Paulo (USP) e autor de *A razão em exercício: estudos sobre a filosofia de Agostinho* (2007), cujo trabalho investiga a interioridade e a subjetividade agostinianas a partir de um interesse estritamente filosófico. No Brasil, esse interesse já não é exclusividade dos seminários: um levantamento na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP identifica cerca de 48 trabalhos que elegem Agostinho como objeto central de pesquisa, dos quais aproximadamente 15 vinculados especificamente ao Departamento de Filosofia.

Convém não confundir os dois reconheci-

tos. Aceitar a importância teológica de Agostinho é, em certo sentido, reconhecer uma autoridade interna à tradição cristã. Aceitar sua importância filosófica é admitir que seus argumentos valem também fora dela, em diálogo com problemas que a filosofia coloca a si mesma, independentemente da fé. E é aí que Agostinho surpreende: sua obra conversa, com naturalidade, com debates de hoje. Pensemos, por exemplo, na chamada “neuroteologia” de Andrew Newberg, para quem toda experiência humana, inclusive a religiosa, seria integralmente mediada e “filtrada” pelo cérebro. Na *Carta 120*, ao distinguir a percepção sensível de uma apreensão intelectual da verdade que não se reduz às condições corpóreas de sua ocorrência, Agostinho oferece as ferramentas conceituais para separar mediação neural de redução ontológica: a experiência religiosa pode ter correlatos cerebrais sem que sua significação se esgote neles. Pensemos também na filosofia brasileira. É possível um confronto revelador entre Agostinho e Oswaldo Porchat Pereira, o mais importante representante do ceticismo filosófico contemporâneo no País. Para os antigos acadêmicos que Agostinho refuta no *Contra os Acadêmicos*, e que Porchat de certo modo revisita em seu “empirismo cético”, suspender o juízo seria a única saída honesta diante do conflito insolúvel entre as filosofias. Agostinho, no entanto, insiste que quem duvida da verdade já afirma, com esse mesmo gesto, algo indubitável: a própria dúvida. “No interior do homem habita a verdade”, escreve ele em *A verdadeira religião*, convidando o leitor a buscar ali, e não fora de si, o critério que os cétricos julgavam inacessível.

Esse mesmo vigor argumentativo, o de recusar reduzir o humano a uma única de suas dimensões, aparece com força renovada diante de um debate ainda mais recente: o do transumanismo. Essa corrente de pensamento propõe superar as limitações biológicas do corpo (sua fragilidade, sua vida curta, os limites da memória e da cognição) por meio de próteses, alterações genéticas e inteligência artificial, na expectativa de produzir uma nova espécie, os “pós-humanos”, com capacidades vastamente maiores do que os seres humanos atuais. Trata-se, à primeira vista, de um projeto muito distante do universo agostiniano. E, no entanto, como venho argumentando em pesquisa recente, é possível ler nele um espelho invertido do que Agostinho escreve sobre o corpo em *A verdadeira religião*. Ali, Agostinho descreve o corpo humano, mesmo em seus processos mais elementares, como algo intrinsecamente belo e ordenado, participante, ainda que em grau ínfimo, da beleza divina: para ele, tudo no organismo humano, da digestão à geração da prole, “se ordena para a beleza do conjunto, de tal modo que aquilo que nos horroriza na parte, se for considerado no conjunto, agrada muitíssimo”. O transumanismo parte exatamente do oposto: do corpo como problema, como obstáculo obsoleto a ser corrigido pela tecnologia. Onde Agostinho vê beleza transitória que aponta para uma beleza superior e prometida na ressurreição, o projeto transumanista vê apenas deficiência a ser superada por engenharia. Ambos reconhecem que o corpo atual é limitado; divergem quanto ao que fazer com essa limitação. Tratá-lo como mero defeito a corrigir despreza justamente aquilo que, para Agostinho, o torna digno: sua participação, ainda que modesta, na ordem e na beleza da criação.

Um mestre da interioridade. Essa defesa do corpo como algo bom, e não descartável, já nos conduz ao terceiro e último âmbito, o mais imediato de todos: o pessoal. Agostinho é, antes de qualquer outra coisa, um mestre da interioridade. Poucos autores da história ocidental souberam descrever com tamanha precisão os movimentos da alma: a memória, o tempo interior, o desejo, a vontade dividida contra si mesma. Ler Agostinho hoje, em um tempo saturado de estímulos externos e de

identidades construídas para a exibição pública, é redescobrir o antigo preceito socrático “conhece-te a ti mesmo”, inscrito no templo de Delfos e reelaborado por ele em uma chave radicalmente cristã: não há conhecimento verdadeiro de Deus sem um itinerário de autoconhecimento. A obra *Confissões* continua sendo, nesse sentido, um guia insubstituível: talvez o mais extraordinário relato já escrito de uma consciência que se examina diante de Deus, aberto por aquela que é, provavelmente, a frase mais citada de toda a sua obra: “Fizeste-nos para Ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em Ti”. Menos lidas, mas igualmente reveladoras, são as *Retratações*, escritas já no fim da vida, quando Agostinho revisita e reavalia criticamente tudo o que havia escrito antes. Poucos gestos intelectuais são tão raros quanto este: fazer do próprio itinerário de pensamento objeto de exame e correção, em um movimento que é, ele também, uma forma de autoconhecimento.

Das Confissões à Cidade de Deus

Seja na dimensão existencial, seja na dimensão política, Santo Agostinho deixou um caminho seguro a ser seguido pelos cristãos.

Redação

Talentoso e ambicioso, Santo Agostinho (354 – 430), antes de se tornar padre e bispo, foi um homem de prazeres intensos e dividido entre ceticismo e fome espiritual. Viveu mais de dez anos em união estável com uma mulher, com quem chegou a ter um filho. Mônica, sua mãe, cristã devota, passou 20 anos rezando por sua conversão, sendo modelo das mães que intercedem pelos filhos.

Tendo ido para Milão, para ser professor de retórica, ouviu as pregações do bispo Santo Ambrósio, que lhe abriu caminho para a fé. A conversão veio em um momento de desespero por sua própria hesitação, quando ouviu “toma e lê” e abriu, porque era o texto mais próximo, Romanos (13,13-14), lendo: “Não em orgias e bebedeiras [...] revesti-vos antes do Senhor Jesus Cristo”.

Agostinho leu sua conversão não como uma decisão que tomou sozinho, mas como um dom que recebeu antes de merecer. Anos depois, já bispo, sistematizaria essa percepção em uma teologia da graça, elaborada principalmente contra a heresia pelagiana, para a qual a vontade humana, por si só, tem a capacidade de escolher o bem e alcançar a salvação. Agostinho entendeu a graça como iniciativa gratuita de Deus, que precede e sustenta a resposta humana sem substituí-la: a pessoa permanece livre para acolhê-la ou resistir a ela – ideia que ecoa na [Evangélio gaudium](#), de Francisco, quando descreve uma Igreja que “primeira” precisamente porque primeiro experimentou que “o Senhor tomou a iniciativa” e a amou antes (EG 24, citando 1Jo 4,10).

Já bispo de Hipona, escreveu *Confissões*. A obra inteira é enquadrada, logo no início, pela frase célebre: “Fizeste-nos para Ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em Ti”. Muitos, ao longo da história, viram o livro como moralista, centrado no remorso pelo pecado cometido. *Confissões*, porém, mais do que sobre o pecado, é sobre o amor imerecido e seu poder salvífico: Agostinho mostra a feitura do pecado para exaltar a beleza da graça.

Herdou, como bispo, um cisma já antigo no Norte da África: os donatistas negavam a validade aos sacramentos celebrados por padres que haviam traído a fé sob perseguição. Contra eles, Agostinho fixou o princípio de que a eficácia do sacramento vem de Cristo, não da santidade do ministro que o celebra. Da mesma polêmica nasce sua imagem da

Termino com um dado que talvez resuma, melhor do que qualquer argumento, a atualidade de Agostinho. O atual Bispo de Roma, o Papa Leão XIV, é frade da Ordem de Santo Agostinho desde 1977 e escolheu como lema episcopal (visível em seu brasão) uma expressão agostiniana: *In Illo uno unum* (no Único, somos um). Não é um detalhe biográfico menor: é sinal de que a espiritualidade e o pensamento do bispo de Hipona continuam, 1.600 anos depois de sua morte, moldando a Igreja em seu ponto mais visível. Entre a teologia que o consagrou há muito, a filosofia que o redescobre e a interioridade que ele nos ensina a buscar, fica o convite: ler Agostinho hoje não é exercício de arqueologia, mas conversa viva com um interlocutor que, das profundezas do século IV, continua a nos interpelar por dentro.

*Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do ABC (UFABC), com pesquisa dedicada à relação epistemológica entre fé e razão em Santo Agostinho.



Iluminura medieval adaptada por inteligência artificial (Geminí)

Igreja como *totus Christus*: um único corpo, cabeça e membros, unido pela caridade e não pela pureza individual de cada fiel.

Quando Roma foi saqueada pelos visigodos, em 410, a aristocracia pagã romana atribuiu a desgraça ao abandono dos deuses antigos e do cultivo das virtudes militares e da força, em prol da ética cristã, voltada à caridade e à humildade. Agostinho respondeu com o clássico *A Cidade de Deus*, em que argumenta que virtudes sem caridade podem produzir bens temporais, mas não constituem verdadeira justiça nem merecem a salvação. A ética da força, mesmo quando traz frutos reais, não forma uma comunidade tão duradoura como a ética da caridade, ordenada a Deus. Além disso, a obra traça a distinção entre duas comunidades, que vivem misturadas no mundo, definidas por dois amores opostos – o amor a Deus até o esquecimento de si (a cidade de Deus) e o amor a si até o esquecimento de Deus (a cidade terrena). Como essas duas cidades não são impérios nem instituições, mas orientações fundamentais do amor, a pergunta que Agostinho deixou não envelheceu junto com Roma: para qual delas nosso coração está ordenado?

Caridade e conhecimento: oito séculos da Ordem de Santo Agostinho

A Ordem de Santo Agostinho está em 45 países, dedicando-se sobretudo à educação, às paróquias e às missões. Desde 8 de maio de 2025, um de seus membros, Robert Francis Prevost, ocupa a sé de Pedro com o nome de Leão XIV.

Redação

Ordenado sacerdote em 391 e depois bispo de Hipona, Santo Agostinho manteve a vida em comum com seus clérigos, para os quais escreveu sua *Regra*, centrada na vida fraterna e na partilha dos bens. Morreu em 430, durante o cerco da cidade pelos vândalos. A comunidade não sobreviveu à perseguição que se seguiu, mas a *Regra* continuou a circular e, a partir do século XI, foi adotada pelos cônegos regulares, padres que vivem em comunidade sob uma regra.

Em 1244, Inocêncio IV reuniu eremitas da Toscana sob essa mesma *Regra*, e, em 1256, Alexandre IV uniu diversos grupos eremíticos em uma única ordem mendicante, que se instalou nas cidades para pregar e ensinar. A Ordem é dirigida por um prior-geral, eleito pelo capítulo geral, e tem sua sede em Roma. A partir do século XVI, os frades chegaram ao México (1533), ao Peru (1551), às Filipinas (1565), à China, ao Japão e à Índia. Em Roma, abriram no início do século XVII a Biblioteca Angélica, uma das primeiras bibliotecas públi-

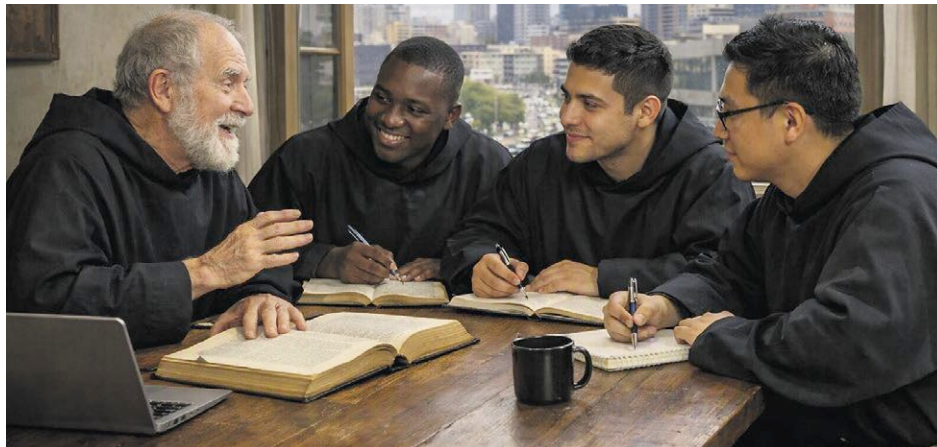


Imagem gerada por IA (Copilot)

cas da Europa. No Brasil, fundaram em 1693 um convento em Salvador, suprimido em 1824.

Em meados do século XVIII, a Ordem tinha cerca de 20 mil membros. Nas décadas seguintes, governos de vários países fecharam conventos e confiscaram seus bens. Na França, a Revolução destruiu a maior parte dos 157 conventos agostinianos; na Alemanha, as leis de secularização confiscaram suas propriedades. Portugal extinguiu as ordens masculinas em 1834. Na Espanha, em 1835, foram suprimidos 105 dos 153 conventos; manteve-se o colégio de Valladolid, que formava missionários para as Filipinas. Na Itália, após a unificação,

o Estado tomou o convento-sede de Santo Agostinho, em Roma. Houve fechamentos também no México, na Rússia e em Hanôver (Alemanha), e a revolução nas Filipinas, em 1896, causou grandes perdas. No início do século XX, a Ordem contava com pouco mais de 2 mil membros.

A reconstrução começou em 1878, com o apoio de Leão XIII. Em 1882, a cúria instalou-se na atual sede, junto à Praça São Pedro. Províncias foram restauradas, e os frades de Valladolid refundaram a Ordem na Espanha. Estados Unidos, Irlanda, Países Baixos e Malta passaram a enviar missionários à África, à Oceania e à América Latina. Ao Brasil chegaram frades das Filipi-

nas em 1899, de Castela na década de 1930 e de Malta em 1962; em 2013, foi criada a Província Agostiniana do Brasil. Em 1968, a Ordem deixou de usar o nome "Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho". Em 1970, Paulo VI inaugurou em Roma o Instituto Patrístico Augustinianum, mantido pela Ordem.

O lema da Ordem, *Caritas et Scientia* (Caridade e conhecimento), une duas dimensões: o estudo e a busca da verdade, de um lado, e a vida fraterna e o serviço, de outro. Uma não se separa da outra: o conhecimento deve estar a serviço do amor. Na prática, o lema se reflete no peso que a Ordem sempre deu ao ensino, com universidades, colégios, bibliotecas e o Instituto Augustinianum, ao lado da atuação em paróquias e missões.

Entre os agostinianos mais conhecidos estão Santa Rita de Cássia, monja agostiniana em Cascia, na Úmbria, morta em 1457; Gregor Mendel, que entrou no mosteiro de São Tomás, em Brno (atual República Tcheca), em 1843, fez ali os experimentos com ervilhas que fundaram a genética; e Robert Prevost, nascido em Chicago em 1955, missionário no Peru, Prior-geral de 2001 a 2013 e Bispo de Chiclayo antes de ser eleito papa.

LIVROS

A responsabilidade de ver

Citar Ensaio sobre a Cegueira em um jornal católico talvez provoque algum desconforto. Não me parece um mal. A inteligência cristã não se mede pela docilidade das leituras que escolhe, mas também pela liberdade com que enfrenta as que a contrariam. O Cardeal Ravasi recordou, a propósito de Saramago, um antigo princípio latino: é lícito aprender até de um adversário.

Alecsandro A. de Souza*

José Saramago não figura entre os escritores a quem volto por afinidade. Volto, quando volto, por necessidade. Há autores que nos acompanham; outros nos acuam. Saramago pertence, para mim, à segunda espécie.

Talvez seja exatamente este o caso. Saramago foi um adversário declarado da Igreja e do Cristianismo institucional, e esse traço não deve ser apagado por ecumenismos preguiçosos. Houve atritos públicos, livros agressivos, declarações hostis. Nada disso, porém, dispensa o leitor sério de reconhecer que um escritor pode errar sobre a Igreja e ainda assim tocar, com lucidez incômoda, alguma verdade sobre o homem. São coisas diferentes: a autoridade teológica e a capacidade de observação moral. Saramago não tinha a primeira; tinha, em grau notável, a segunda.

Ensaio sobre a Cegueira permanece, nesse sentido, como um romance de alta voltagem moral. A epidemia de cegueira

branca que dissolve a vida comum não serve apenas de artifício narrativo; funciona como metáfora de uma cegueira ética, política e espiritual que já estava instalada antes de qualquer contágio. O colapso da ordem, a regressão da convivência, a violência que sobe à superfície e a dificuldade de preservar a compaixão fazem do romance menos uma fantasia do desastre do que uma anatomia da civilização despojada de si mesma.

Foi aí que o livro me alcançou. Não porque me reconciliou com o estilo de Saramago, que ainda me é custoso, mas porque me obrigou a reconhecer uma evidência severa: a pior cegueira nem sempre é a dos olhos, mas a da consciência que se habituou a não reparar. Essa é a força daquela advertência inicial do romance: ver não basta; é preciso reparar. E reparar é, em si mesmo, um ato moral.

O Cardeal Gianfranco Ravasi, que foi Presidente do Pontifício Conselho da Cultura (atual Dicasterio para a Cultura e a Educação), considerou, ao ler o romance, que *Ensaio sobre a Cegueira* é um pode-

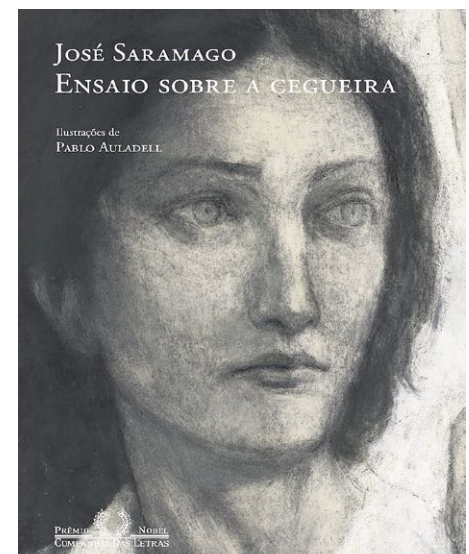
roso texto sobre a redenção, alimentado por temas evangélicos ligados à cegueira e à visão espiritual. A formulação é preciosa porque recusa tanto a canonização apressada de Saramago quanto sua recusa tribal. O romance não precisa tornar-se ortodoxo para poder ser levado a sério por um leitor cristão. Basta reconhecer que há livros escritos contra nós que, no entanto, nos ajudam a ver melhor. Às vezes, o adversário percebe o que o amigo poupa.

É aqui que a leitura católica começa a tornar-se fecunda. O romance não oferece transcendência; oferece, antes, um cenário de desnudamento, no qual o homem aparece despojado de aparências e entregue à prova do que realmente ama. E, no entanto, justamente aí, ele reencontra algo que o Cristianismo jamais deixou de saber: quando a dignidade humana se eclipsa, a barbárie já começou; quando o outro deixa de ser próximo e se torna obstáculo, a barbárie já não precisa de desculpa.

Saramago não oferece saída. Não consola, não redime, não promete clareza depois do escuro. Mas faz algo

que talvez seja mais difícil: devolve ao leitor a pergunta que ele preferia não fazer. Não sobre os cegos do romance, mas sobre si mesmo, no exato instante em que fecha o livro e ergue os olhos para o mundo ao redor.

* Administrador de empresas.



SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2026.

Novo Ponto de Encontro da Rede Rua homenageia Dom Paulo Evaristo Arns

FERNANDO ARTHUR
ESPECIAL PARA O O SÃO PAULO

No dia 15, o Cardeal Odilo Pedro Scherer abençoou o Ponto de Encontro Dom Paulo Evaristo Arns.

A cerimônia de bênção foi marcada pela memória de Dom Paulo, Arcebispo de São Paulo entre 1970 e 1998, que em 2026 completaria 105 anos de vida. Houve também um momento de oração, com o canto da oração de São Francisco de Assis. Pessoas em situação de rua, voluntários e integrantes de instituições ligadas à Rede Rua participaram das preces, apresentando a Deus situações de desigualdade e sofrimento vividas na cidade.

UM ESPAÇO DE ENCONTRO

“Este é um espaço dos pobres da rua, perto da Praça da Sé, onde nós queremos acolhê-los e conversar com eles sobre direito à moradia, direito ao trabalho, direito à dignidade”, explicou, ao **O SÃO PAULO**, o Padre Arlindo Pereira Dias, SVD, Presidente da Rede Rua. “O nosso desejo é que aqui eles se sintam em casa, sejam acolhidos e que, juntos, busquemos políticas públicas”, complementou.

Localizado na Rua Conselheiro Furtado, 191, próximo à Praça da Sé, o local, cedido pelo Sindicato dos Ban-



Luciney Martins/O SÃO PAULO

cários, é gerido pela Rede Rua e atende de terça a sexta-feira, das 9h às 14h30, e aos sábados, das 9h às 12h.

As terças-feiras, são realizadas oficinas de arte, especialmente de pintura. As quartas-feiras, há formação de educadores sociais, com o objetivo de ampliar a compreensão sobre a realidade das ruas. As quintas-feiras são dedicadas às rodas de leitura e à literatura. As sextas-feiras, ocorrem oficinas de artesanato; e os sábados são reservados a encontros de filosofia. Também fazem parte das atividades momentos de espiritualidade, encontros bíblicos e outras iniciativas que permitem aos frequentadores expressar experiências, talentos e conhecimentos por meio da música, da pintura e de outras linguagens artísticas.

ESTAR JUNTOS

Na fala que antecedeu a bênção, Dom Odilo ressaltou que acolher a população em situação de rua significa reconhecê-la integralmente como parte da sociedade: “O pobre também pensa. O pobre também faz poesia. O pobre também pode debater os problemas sociais. O pobre também pode ter opinião política”.

Ao comentar sobre o novo espaço, o Arcebispo destacou que existem diferentes formas de ajudar uma pessoa em situação de vulnerabilidade a se reconhecer como parte da comunidade humana. Segundo ele, iniciativas como a da Rede Rua contribuem para que essas pessoas não sejam tratadas como descartáveis ou como quem não tem nada a dizer.

A reflexão de Dom Odilo também esteve ligada ao Evangelho proclamado na celebração de Nossa Senhora das Dores. Ao recordar Maria junto à cruz de Jesus, o Arcebispo associou a atitude de permanecer perto de quem sofre à missão de quem trabalha com os pobres.

De acordo com o Arcebispo, mesmo diante de problemas sociais complexos, a presença solidária pode favorecer a construção de respostas. Ele também destacou a importância de somar esforços e fortalecer a ação conjunta de pessoas, comunidades e instituições. Ainda conforme observou, a caridade organizada consiste justamente em envolver mais pessoas na construção de soluções. Desse modo, desejou que a iniciativa se desenvolva e reúna novos colaboradores.

Dom Odilo frisou que a homenagem que a instituição faz a Dom Paulo Evaristo contribui para manter viva na cidade a memória de um Arcebispo que dedicou atenção aos pobres e aos que eram frequentemente esquecidos.

Ao terminar a cerimônia, enquanto todos rezavam o Pai-Nosso, Dom Odilo aspergiu o espaço e as pessoas, realizando a bênção do novo Ponto de Encontro. Entre os participantes esteve o Cônego Marcelo Monge, Vigário Episcopal da Caridade Social.

Jornada Padre Caffarel destaca o legado do fundador das Equipes de Nossa Senhora

REDAÇÃO
osaopaulo@uol.com.br

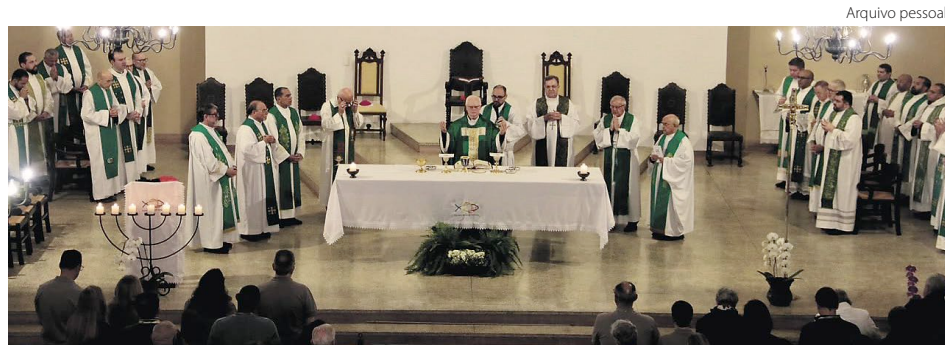
O Cardeal Odilo Pedro Scherer participou, na sexta-feira, 18, da abertura da I Jornada Nacional Padre Henri Caffarel, realizada no Mosteiro de Itaiaci, em Indaiatuba (SP). O encontro, que prosseguiu até o domingo, 20, marcou os 30 anos de falecimento do fundador das Equipes de Nossa Senhora e reuniu participantes de diversas regiões do Brasil e convidados internacionais.

Dom Odilo presidiu a missa de abertura da Jornada, um momento de aprofundamento da vida, da obra e da atualidade do pensamento do Padre Henri Caffarel (1903-1996), sacerdote francês que dedicou grande parte de seu ministério à espiritualidade conjugal e fundou as Equipes de Nossa Senhora.

Na homilia, o Arcebispo de São Paulo situou a figura do Padre Caffarel no contexto da vocação universal à santidade. Recordou que a Igreja tem entre suas missões promover a santificação das pessoas e do mundo e destacou que a busca pela santidade não está reservada a alguns, mas constitui um chamado dirigido a todos os batizados, vivido segundo o próprio estado de vida.

TESTEMUNHO DE SANTIDADE

Ao se referir ao Sacerdote francês, Dom Odilo Scherer ressaltou que o co-



Arquivo pessoal

Cardeal Scherer preside a missa de abertura do encontro no Mosteiro de Itaiaci, dia 18

nhecimento mais aprofundado de sua trajetória permite reconhecer “o testemunho de uma vida santa, uma vida normal, no dia a dia, mas uma vida santa”, marcada pela busca da santidade como “grande meta e sentido da vida”.

“Também na obra que ele deixou nas Equipes de Nossa Senhora, há um chamado a viver a santidade de maneira própria à vida matrimonial e familiar”, prosseguiu o Cardeal.

Ao concluir, Dom Odilo manifestou o desejo de que a Jornada contribua para tornar ainda mais evidente essa dimensão da vida e da obra do fundador do Movimento: “Faço votos de que esta Jornada sobre o Padre Caffarel ajude a perceber, na vida e no testemunho dele, o chamado à santidade feito a ele e a todos, nas circunstâncias mais diversas em que possamos nos encontrar”.

VENERÁVEL

A Jornada ganhou significado especial neste ano, após o reconhecimento, em março, das virtudes heroicas do Padre Caffarel, que passou a receber o título de Venerável, uma etapa de seu processo de canonização. O local escolhido para o encontro também remete à história do Sacerdote, que esteve em Itaiaci durante uma visita ao Brasil, em 1970.

Ao longo dos três dias, a programação reuniu conferências, testemunhos e momentos de espiritualidade sobre a vida e a obra do Padre Caffarel, bem como sobre sua contribuição para a espiritualidade conjugal. Entre os convidados internacionais estiveram responsáveis das Equipes de Nossa Senhora e pessoas ligadas à causa de canonização e à preservação do legado do Sacerdote francês.

Fundadas a partir da experiência

iniciada por Caffarel com casais na França, no fim da década de 1930, as Equipes de Nossa Senhora estão atualmente em mais de 90 países. No Brasil, o movimento chegou em 1950 e hoje reúne mais de 60 mil membros que buscam, por meio da oração, da formação e da ajuda mútua, viver o matrimônio como caminho de santidade.

(Com informações das Equipes de Nossa Senhora)

O SÃO PAULO

www.osaopaulo.org.br

No site do jornal **O SÃO PAULO**, você acessa conteúdos atualizados sobre a Igreja e a sociedade em São Paulo, no Brasil e no mundo. A seguir, algumas notícias e artigos publicados recentemente.

Santa Sé divulga o programa da viagem do Papa Leão XIV à América do Sul
<https://curt.link/XPXxO>

Delegação brasileira participa de reunião preparatória para a JMJ Seul 2027
<https://curt.link/pzeop>

Faculdade de Direito Canônico e Arquivo Metropolitano oferecem curso de atualização para colaboradores de secretarias paroquiais
<https://curt.link/Otnxl>

Dom Odilo Scherer dedica a igreja e consagra o altar da Paróquia Santa Cândida

‘UMA PEDRA SOZINHA NÃO FAZ O TEMPLO, MAS CADA PEDRA É IMPORTANTE PARA FORMAR O CONJUNTO’, DISSE O ARCEBISPO

Fotos Luciney Martins/O SÃO PAULO



Localizada no bairro do Ipiranga, Igreja de Santa Cândida é dedicada pelo Cardeal Odilo Scherer, Arcebispo Metropolitano, e tem o altar consagrado em missa, no domingo, 20

TATIANNA PORTO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

No itinerário com vistas a celebrar seus 70 anos de história, a Paróquia Santa Cândida, na Região Ipiranga, viveu um momento de júbilo e de ação de graças a Deus, no domingo, 20, com a dedicação da igreja matriz e a consagração de seu altar, em missa presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, tendo entre os concelebrantes Dom Celso Alexandre, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga.

Na homilia, o Arcebispo Metropolitano de São Paulo ressaltou que a dedicação do templo vai além das paredes da igreja: “Nós é que somos o templo de Deus, a Igreja viva que é testemunha de Sua presença. Esta dedicação também é um compromisso de filhos de Deus com sua missão salvadora”.

Ao comentar as leituras proclamadas no 25º Domingo do Tempo Comum, Dom Odilo recomendou que o povo de Deus tivesse “fome da Palavra, buscando-a sempre que possível na igreja, lugar onde ela ecoa, para que caia nos corações que estão fora do templo”. A partir dessa imagem, convidou os fiéis a serem testemunhas da acolhida e lembrou que a Igreja deve ser “uma casa aberta a todos”.

O Arcebispo também lembrou que “uma pedra sozinha não faz o templo, mas cada pedra é importante para formar o conjunto. Isso é comunhão porque todas as pedras juntas fazem o templo e cada pedra ficando firme deixa todo o templo firme também”.

UM CHAMADO DIVINO

Em entrevista ao O SÃO PAULO, Padre Anderson Marçal, Pároco desde 2020, revelou um episódio que o inspirou a se empenhar pela dedicação do templo: “Um dia, acordei no meio da madrugada escutando barulhos estranhos. Não consegui identificar de onde vinham os sons e resolvi voltar para a cama, e escutei a voz serena e doce de Deus me dizendo: ‘Este lugar ainda não me foi dedicado’”.

“Depois daquela manhã, investiguei a história, procurei documentos e conversei com os bispos, inquietado por aquela frase que não saía do meu coração. Hoje, três anos depois, posso ver que Deus faz tudo no seu tempo, e a realização desta dedicação, precisamente no dia da padroeira, é a prova disso”, avaliou o Sacerdote.

O RITO DE DEDICAÇÃO

A liturgia de dedicação começou após a saudação inicial do Arcebispo, quando ele abençoou a água e a aspergiu sobre os fiéis, nas paredes da igreja e no altar. Depois do “Glória”, Dom Odilo colocou o Le-

cionário sobre o ambão e entregou ao Pároco o Livro dos Evangelhos.

Após a homilia e a profissão de fé, entoou-se a Ladainha de Todos os Santos. Na sequência, foram depositadas sob o altar as relíquias de Santa Cândida, Santa Felicidade de Roma, São João Bosco, Santo Humberto de Liège e da mártir Beata Albertina. Depois, ocorreu o momento central do rito, com a prece de dedicação, seguida da unção do altar com o óleo do Santo Crisma, tornando, assim, o altar símbolo de Cristo, o ungido por excelência. Também foram ungidas as 12 cruzes nas paredes.

Posteriormente, houve a incensação do altar e da igreja, com a queima do incenso sobre o altar. Em seguida, foram incensados o povo e as paredes. Passou-se, então, ao revestimento do altar, e, por fim, ao acendimento das velas que o ladeiam e aquelas que estão junto às 12 cruzes.

UM TEMPO DE RECONSTRUÇÃO

A Paróquia Santa Cândida foi erigida canonicamente em 20 de novembro de 1957, estando inicialmente sob os cuidados dos padres da Congregação de Nossa Senhora de Sion.

No início, porém, o espaço tinha também outra função: acolhia sacerdotes que vinham a São Paulo para estudar ou lecionar, que resultava em uma grande rotatividade de padres e dificultava a continuidade do trabalho pastoral e a criação de vínculos duradouros com os fiéis. Com isso, a Paróquia Santa Cândida demorou a consolidar uma comunidade própria e uma vida pastoral mais estruturada.

Em fevereiro de 2020, quando os Padres Anderson Marçal e João Gualberto, Vigário Paroquial, ambos da Comunidade Canção Nova, chegaram à Paróquia, havia poucas pastorais e algumas dezenas de participantes. Um desafio foi-lhes colocado pelo Cardeal Scherer: que “abrissem a igreja”. Entretanto, apenas 40 dias depois, a pandemia de COVID-19 levou a profunda restrições das atividades presenciais, incluindo a participação dos fiéis nas missas.

Diante disso, a Paróquia intensificou a transmissão das celebrações e das adorações eucarísticas pelos canais digitais, alcançando, assim, não apenas os paroquianos, mas também pessoas de diferentes pontos de São Paulo e de outras cidades.

Quando houve a plena retomada das atividades presenciais, após a fase mais intensa da pandemia, uma nova comunidade começou a se formar. Atualmente, a Paróquia Santa Cândida conta com uma estrutura pastoral ampla, missas com grande participação e uma programação frequente de atividades.

COMUNIDADE VIVA E ATUANTE

A transformação também pode ser percebida no espaço físico. Nesse período, o estacionamento foi pavimentado, o teto e a torre, que apresentavam problemas estruturais, foram reformados e instalou-se novos sinos. A casa paroquial e o centro catequético também foram completamente reformados, os bancos da igreja substituídos e, recentemente, a parte externa da comunidade recebeu nova pintura.

Para quem acompanha de perto a vida da Paróquia, porém, a principal transformação está nas pessoas. Neuza Tarallo, zeladora da igreja matriz e paroquiana há seis anos, destaca a mudança que mais lhe trouxe alegria: “A igreja não tinha jovens. Hoje são quase 100 engajados em muitas pastorais, e isso faz a gente sentir a vida da igreja fluindo”.

Neuza avalia que a dedicação do templo expressa o sentido da própria comunidade: “Deus criou a Igreja com esse desígnio, de unir as pessoas para que elas encontrassem aqui o suporte e a contribuição que, às vezes, não têm em casa. Poder servir na Paróquia é a confirmação do meu ‘Eis-me aqui’”.

A experiência de Camila Corrêa revela como a vida comunitária também se tornou uma catequese cotidiana para seus filhos: “Samuel, com 3 anos, foi com a avó até a imagem de Nossa Senhora e rezou espontaneamente pela família e pelos amigos. Não ensinamos ele a fazer isso, aprendeu vivendo aqui com a comunidade”.

Padre Anderson revela profunda satisfação com o atual momento da Paróquia: “Eu sinto muita alegria ao olhar para trás e ver o que Deus fez por meio de nós. Quando cheguei, tive de ‘puxar’ a comunidade. Agora, sou eu ‘quem corre atrás’, porque ela se desenvolveu e caminha com dedicação, sempre fazendo o melhor para Deus”.

MAIS UM MOTIVO PARA COMEMORAR

Antes da bênção final, o Pároco fez muitos agradecimentos, especialmente a Dom Odilo, já o cumprimentando pelos 77 anos, completados pelo Arcebispo no dia seguinte. O Padre convidou a assembleia de fiéis a cantar parabéns ao aniversariante e pediu que todos rezassem pela vocação de Dom Odilo.

O Cardeal agradeceu a homenagem e recomendou que, à luz do exemplo de Santa Cândida, a comunidade se fortaleça sempre mais no serviço e na entrega a Deus.

A Paróquia Santa Cândida está localizada na Avenida Dr. Ricardo Jafet, 769, no Ipiranga. Saiba mais detalhes pelas redes sociais: @santacandidasp.

Leia na página 11 a íntegra da ata de dedicação

IPIRANGA

Pastoral do Dízimo regional tem encontro de formação e de planejamento

KAREN EUFROSINO
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Os agentes paroquiais da Pastoral do Dízimo participaram no sábado, 19, na sede da Região Ipiranga, de um momento de formação e de preparação para o mês de conscientização sobre o Dízimo, que será realizado em novembro.

Dom Celso Alexandre, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga, acolheu os participantes e conduziu a oração inicial. Na sequência, o Padre Jorge Bernardes, Assistente Eclesiástico regional para a Pastoral do Dízimo, fez uma reflexão formativa, com base nas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (DGAE 2026-2032) e no *Documento 106 da CNBB – O Dízimo na Comunidade de Fé: Orientações e Propostas*.

Depois, foi apresentado o tema da campanha para este ano: a implementação do ‘Dízimo Mirim’ nas comunidades. A iniciativa, voltada a crianças e adolescentes e integrada à



Sergio Alvarenga

catequese e à Iniciação à Vida Cristã, busca ajudar na compreensão do valor da partilha, da gratidão a Deus e do pertencimento à comunidade eclesial, fortalecendo, desde a infância, a consciência de que cuidar da comunidade é um gesto de amor e corresponsabilidade na missão da Igreja.

As comunidades na Região Ipiranga também distribuirão, em outubro,

cards de oração com a imagem de Nossa Senhora Aparecida, a Oração do Dízimista e um QR Code com informa-

ções, materiais vinculados ao 100º Dia Mundial das Missões.

“O dízimo é uma expressão concreta de nossa pertença à Igreja. Ao devolver parte do que recebemos, não estamos simplesmente ajudando a manter uma estrutura; estamos dizendo, com nossa vida e nossos bens: ‘Esta Igreja também é minha; esta missão também é minha’”, enfatizou Padre Jorge Bernardes. “O dízimista que participa da Coleta Missionária experimenta, de modo concreto, que pertence a uma Igreja que ultrapassa os limites de sua paróquia, de sua diocese e até mesmo de seu país. Somos uma só Igreja, reunida em Cristo e enviada ao mundo”, concluiu.

(com informações da Pastoral do Dízimo)

Atos da Cúria

Reprodução



ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO
CÚRIA METROPOLITANA

2026 - 280 ANOS DE CRIAÇÃO DA DIOCESE DE SÃO PAULO.

ATA DA DEDICAÇÃO DO ALTAR E DA IGREJA DE SANTA CÂNDIDA,
DECANATO SÃO MARCOS, REGIÃO EPISCOPAL IPIRANGA
DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

No ano da graça de Nosso Senhor de Jesus Cristo de 2026 às dezessete horas do dia 20 de setembro, em festiva celebração eucarística presidida por Sua Emma. Revma. O Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, foi realizada a dedicação do altar e da igreja matriz paroquial de Santa Cândida, situada na Avenida Doutor Ricardo Jafet, 769, bairro Vila de Santa Eulália, na cidade e Arquidiocese de São Paulo. O rito litúrgico foi celebrado conforme as prescrições do Pontifical Romano para a dedicação do altar e igreja. Junto do altar, foram depositadas as relíquias de Santa Cândida de Nápoles, Santa Felicidade de Roma, Santo Huberto de Liège, São João Bosco de Turim e Beata Albertina Berkenbrock, do Brasil. Concelebraram a Eucaristia o Revmo. Pe. Anderson Marçal Moreira, Pároco da Paróquia Santa Cândida e por outros sacerdotes. A solenidade também contou com a participação fervorosa de numerosos fiéis. O Arcebispo agradeceu aos Pároco e aos fiéis pela renovação da igreja matriz e os incentivou a crescerem como Igreja viva em comunhão, participação e missão. Recomendou também que esta Ata fosse transcrita integralmente no Livro de Tombo da Paróquia e que, conforme norma litúrgica, o aniversário da dedicação desta igreja fosse comemorado todos os anos no grau de solenidade litúrgica neste mesmo dia e nesta mesma igreja dedicada. E para que o fato constasse, foi lavrada esta ata no dia 20 de setembro de 2026, 25º Domingo do Tempo Comum, no 280º ano de criação da Diocese de São Paulo.

+Edito Card. Arcebispo
Cardeal Odilo Pedro Scherer
Arcebispo de São Paulo

Pe. Everton Fernandes Moraes
Chanceler do Arcebispado



Prot. 1710/26

Av. Higienópolis, 890 - SÃO PAULO - CEP 01238-000
T. (+55 11) 3660 3700 - chancelaria@arquisp.org.br



Pascom São João Batista

No sábado, 19, o **Apostolado da Oração da Região Ipiranga** realizou um momento formativo sobre o 4º passo do Caminho do Coração de Jesus – O Pai envia seu Filho para salvar, conduzido por Nilza Kobayashi, coordenadora regional do movimento. A atividade, realizada na Paróquia São João Batista, Decanato São Mateus, contou com a presença do Padre Antônio José Laureano de Souza, Pároco e Assistente Eclesiástico regional do Apostolado da Oração.

(por Karen Eufrosino)

VICARIATO PARA A EDUCAÇÃO E A UNIVERSIDADE



Arquivo pessoal

No sábado, 19, no *campus* Marquês de Paranaguá da PUC-SP, Dom Carlos Lema Garcia, Bispo Auxiliar da Arquidiocese e Vigário Episcopal para a Educação e a Universidade, presidiu missa em ação de graças pelos **40 anos do curso de Ciência da Computação** da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia. Participaram da estudantes e professores, entre eles Eduardo Savino Gomes, coordenador do curso de Ciência da Computação, e Cristiana Abud, vice-coordenadora do curso.

(por Redação)

SANTANA

No Mandaqui, Dom Márcio realiza visita pastoral à Paróquia Santa Cruz

COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SANTANA

Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, visitou a Paróquia Santa Cruz, Decanato Santa Marta, Santa Maria e São Lázaro, nos dias 17, 18 e 20.

Na manhã da quinta-feira, 17, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana foi recebido pelo Padre José Lourival Taveira, Pároco, dos Servos da Caridade (SdC) – religiosos Guanellianos, e por representantes da comunidade.

O Episcopo conheceu as instalações da Paróquia, revisou os livros de registro e o livro tombo. Em seguida, visitou o Centro de Educação Infantil – CEI Don Guanella, anexo à Paróquia, que atende cerca de 120 crianças. Depois, dirigiu-se ao Recanto Nossa Senhora de Lourdes, onde funciona uma das obras sociais guanellianas dedicadas



Pascom paroquial

ao acolhimento e promoção de pessoas em situação de vulnerabilidade. À tarde, celebrou missa, com a participação de enfermos e idosos, ministrando o sacramento da Unção dos Enfermos.

Na sexta-feira, 18, Dom Márcio iniciou o dia visitando enfermos em suas residências. Depois, esteve na Comunidade das Irmãs Missionárias da Consolata, onde celebrou missa e participou do almoço. O Bispo ouviu

relatos das religiosas sobre suas experiências missionárias na África e em outras regiões de missão no Brasil.

À tarde, continuou as visitas às famílias e ministrou a Unção dos Enfermos. Também visitou o Padre José de Coito Pita, de 90 anos, que dedicou grande parte de seu ministério à Arquidiocese de São Paulo e hoje reside próximo à Paróquia. No período da noite, reuniu-se com os membros do

Conselho Paroquial de Pastoral (CPP) e do Conselho de Assuntos Econômicos Paroquial (Caep), ocasião em que recebeu informações sobre o trabalho pastoral e dialogou sobre os desafios da evangelização. Dom Márcio destacou o compromisso da comunidade com a formação na fé e com as ações de caridade, bem como orientou que todos conheçam as novas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*.

Em missa no domingo, 20, na matriz paroquial, Dom Márcio conferiu o sacramento da Crisma a 20 jovens e adultos, incluindo os assistidos pela obra social guanelliana. Concelebraram os Padres José Lourival, SdC, e José Teles de Deus, SdC, que atua na Arquidiocese do Rio de Janeiro e está em visita à Paróquia.

(Com informações de Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, e Denilson Rabelo)

Capela Santo Expedito encerra festejos do jubileu de 25 anos

DENILSON RABELO
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

No sábado, 19, foi celebrado o encerramento do jubileu de 25 anos da Capela Santo Expedito, pertencente à Paróquia Sagrado Coração de Jesus, Decanato Santo Estêvão, em missa presidida por Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, e concelebrada pelo Padre Luiz César Bombonato, Pároco, com a assistência do Diácono seminarista Vinicius Pinheiro Nunes.

Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana relacionou a história da comunidade à



Denilson Rabelo

imagem da semente apresentada nas leituras do dia. Ao recordar a parábola

do semeador, ele ressaltou que Deus continua lançando a semente de sua

Palavra, mas os frutos dependem da disposição interior de quem a recebe. Os 25 anos da Capela Santo Expedito foram por ele apresentados como uma grande plantação, cultivada pela fé e pela dedicação de todos os que ajudaram a construir essa história.

Inspirado no testemunho de Santo Expedito, Dom Márcio convidou os fiéis a não adiarem a conversão e a responderem prontamente ao chamado de Deus. Ao final, o Bispo pediu a intercessão de Santo Expedito e do Sagrado Coração de Jesus para que a comunidade continue sendo terra boa e fértil.



Pascom Santana

No dia 15, na Paróquia São Roque, foi realizada a assembleia arquidiocesana do **Decanato Santa Marta, Santa Maria e São Lázaro**, como tem ocorrido em todos os decanatos da Arquidiocese neste mês. Depois da oração conduzida pelo Diácono Márcio Cesena, o Padre Juarez Dalan, Decano, falou sobre as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (DGAE 2026-2032). Na sequência, divididos em três grupos, os participantes refletiram sobre as necessárias conversões nas relações, nos processos e nos vínculos. **(por Redação – com informações da Pascom Santana)**



Denilson Rabelo

No sábado, 19, foi celebrada a festa da padroeira do **Santuário Arquidiocesano Nossa Senhora da Salette**, Decanato São Marcos, com missa solene presidida por Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, e concelebrada pelos Padres Marcos Antônio Dias de Almeida, MS, Reitor do Santuário, Claudir Costenaro, MS, e Luciano Santos Batista, MS, Vigários Paroquiais. A celebração também fez memória dos 180 anos da aparição de Nossa Senhora da Salette. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana destacou os quatro pilares presentes na mensagem de Nossa Senhora da Salette: conversão, oração, reconciliação e fidelidade ao Evangelho. **(por Denilson Rabelo)**



Pascom paroquial

A festa da padroeira da **Paróquia Nossa Senhora da Piedade**, Decanato São Matias, foi celebrada no dia 15, com missa presidida por Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana. Concelebrou o Padre Paulo Ramos, Pároco. **(por Marcelo Fagner)**



Walkiria Brito

No domingo, 20, Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, conferiu o sacramento da Confirmação a 49 jovens e adultos na **Paróquia Santo Antônio dos Bancários**, Decanato Santa Marta, Santa Maria e São Lázaro, dos quais 42 paroquianos e sete pertencentes à Comunidade Anjos da Vida. Concelebrou o Padre Edson José do Sacramento, Administrador Paroquial. **(por Walkiria Brito)**

Na quinta-feira, 17, na sede da Região Santana, aconteceu a reunião da **Comissão do Anúncio**, com a participação de coordenadores e assessores de pastorais, movimentos, organizações e novas comunidades. O encontro foi conduzido pelo Padre Aloizio José Nunes Azevedo Júnior, responsável por esta Comissão na Região. Também participou o Padre Maykom Sammel Alves Florêncio. Todos puderam fortalecer os vínculos e dialogar sobre os caminhos da evangelização, tendo como foco o querigma, as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (DGAE 2026-2032) e o Plano Arquidiocesano de Pastoral, em processo de elaboração. **(por Denilson Rabelo)**

SÉ

Decanato São João Evangelista realiza etapa da assembleia arquidiocesana

PASCOM DA PARÓQUIA NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO

No sábado, 19, na Basílica Nossa Senhora do Carmo, foi realizada a assembleia arquidiocesana do Decanato São João Evangelista, reunindo cerca de 60 pessoas.

Assim como tem ocorrido nas assembleias realizadas por todos os decanatos da Arquidiocese neste mês, o encontro teve como tema central as *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (DGAE



Pascom Nossa Senhora da Consolação

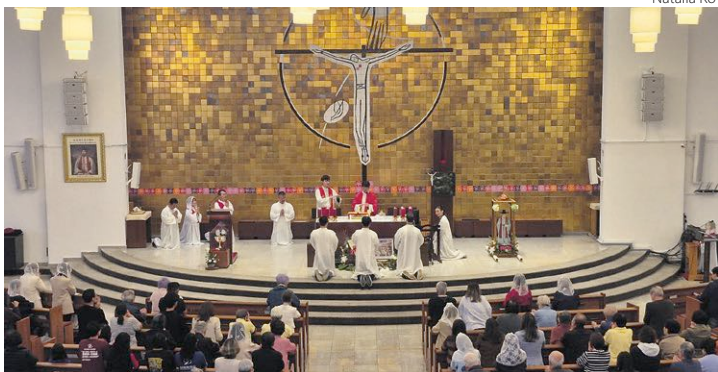
2026-2032).

Os trabalhos foram conduzidos pelo Padre Alessandro Enrico de Borbón, Decano. Inicialmente, foi

apresentado um panorama geral do documento, seguido de momentos de reflexão e partilha em grupos, organizados a partir das dimensões das

conversões dos vínculos, das relações e dos processos, propostas nas DGAE. Entre os temas que mais apareceram nas reflexões, estiveram a acolhida, entendida como atitude fundamental para a criação de vínculos, o fortalecimento das relações e a participação na vida comunitária, além da importância de uma maior abertura à escuta e às novas ideias.

Ao final, cada grupo apresentou suas reflexões, as quais serão compiladas na Síntese da Assembleia do Decanato.



Natalia Ko

A **Paróquia Pessoal Coreana Santo André Kim Degun**, Decanato São Paulo, celebrou seu padroeiro e demais mártires coreanos, no domingo, 20. A missa solene foi presidida pelo Padre Augustine Kang Chul Min, Pároco, e concelebrada pelo Padre Uldaricus Sangdeok Lee, Vigário Paroquial. Em seguida, os fiéis saíram em procissão pelas ruas do Bom Retiro. Após a celebração, houve uma visita guiada na igreja. Mais de mil pessoas participaram da festa social, que contou com apresentações musicais e culturais, gastronomia coreana, a exibição da peça teatral sobre a história do Santo, o 'estande do Martírio', com os passos dos mártires coreanos, e um espaço dedicado à Jornada Mundial da Juventude de 2027, que acontecerá em Seul, na Coreia do Sul.

(por Natalia Ko)



Giuseppe Troisi

No domingo, 20, foi festejado o padroeiro da **Paróquia São Januário**, Decanato São Paulo, em missa solene presidida pelo Padre Wellington Laurindo dos Santos, Pároco, seguida da tradicional procissão pelas ruas do bairro. A Festa Social de San Gennaro, em sua 53ª edição, continua até o dia 4 de outubro, este ano com visitas guiadas gratuitas pela igreja, conduzidas por um guia de turismo credenciado e especializado, nas quais é possível conhecer um pouco mais sobre a história de San Gennaro, da Paróquia e do bairro da Mooca. Além disso, a Paróquia, em parceria com o fotógrafo napolitano Giuseppe Troisi, realiza a exposição "Sob os passos de San Gennaro", em cartaz no Museu da Imigração até o dia 28 deste mês.

(por Leandro de Santa Maria)



Padre Célio Lourenço da Silva

Os fiéis da **Paróquia Nossa Senhora das Angústias**, Decanato São Paulo, celebraram entre a quinta-feira, 17, e o domingo, 20, o tríduo e a festa da padroeira. O encerramento se deu com a missa solene, presidida por Dom Eduardo Vieira dos Santos, Bispo de Ourinhos (SP), e concelebrada pelo Cônego Aparecido Silva, Administrador Paroquial, e pelo Padre Célio Lourenço da Silva, Vigário Paroquial.

(por Padre Célio Lourenço da Silva)

BRASILÂNDIA

No Decanato São Pedro, Paróquia São José completa 75 anos

JÚLIO CESAR DOS SANTOS COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Em missa no dia 15, com ampla presença da comunidade de fiéis, foram celebrados os 75 anos da Paróquia São José, na Vila Palmeiras, Decanato São Pedro.

A Eucaristia foi presidida pelo Padre Edegar de Souza, CSCh, Provincial da Congregação das Escolas de Caridade, os Padres Cavanis. Concelebraram os Padres Jorge Luís de Oliveira, CSCh, Pároco; Nelson Luiz Martins, CSCh, Vigário Paroquial; José



Júlio Cesar dos Santos

Vianni, CSCh, o primeiro sacerdote desta Congregação que ali foi Pároco; Márcio Campos da Silva, CSCh; Gil-

berto dos Santos Martins; e Frei José Almy Gomes, OP, vocacionado da Paróquia, assim como o Diácono Paulo

Roberto de Oliveira, que foi assistente desta missa.

Na homilia, Padre Edegar recorreu os primeiros párocos diocesanos até a chegada dos Padres Cavanis em 1994. Também mencionou as nove vocações religiosas nascidas na Paróquia.

No final da celebração, foi descerrada a placa comemorativa do jubileu de brilhante e houve um coquetel comemorativo no salão paroquial, no qual foi montada uma exposição com fotos históricas, inaugurada durante o tríduo em preparação à celebração dos 75 anos.

Ministros extraordinários da Sagrada Comunhão têm encontro formativo

PASCOM REGIONAL

A Comissão da Santificação da Região Brasilândia realizou, entre os dias 16 e 19, na Paróquia São Luís Gonzaga, a formação e a atualização para os ministros extraordinários da Sagrada Comunhão do Decanato Santa Isabel e São Zacarias.

A formação foi marcada por momentos de aprendizado, aprofundamento da fé, atualização, esclarecimento de dúvidas e partilha de experiências sobre a missão de servir a comunidade e de levar a Eucaristia



Arquivo pessoal

aos enfermos e às pessoas impossibilitadas de participar das celebrações.

Participaram os Padres Rafael Moreira da Silva, Vigário Paroquial da Área Pastoral São Pio de Pietrelcina; Douglas da Silva Gonzaga, Administrador Paro-

quial da Paróquia Nossa Senhora Aparecida; Maycon Wesley da Silva, Pároco da Paróquia Cristo Libertador; Álvaro Moreira Gonçalves, Pároco da Paróquia Santa Teresinha; Cônego José Renato Ferreira, Pároco da Paróquia São

Luís Gonzaga; Jaime Izidoro de Sena, Pároco da Paróquia Nossa Senhora do Retiro; Juarez Dirceu Passos, Pároco da Paróquia Santa Rita de Cássia; Francisco Antônio Rangel de Barros, Pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima; e Walter Merlugo Júnior e Otoniel Profiro de Moraes, respectivamente, Pároco e Colaborador paroquial da Paróquia Nossa Senhora das Dores.

O encerramento se deu com a adoração ao Santíssimo Sacramento, durante a qual os ministros renovaram o compromisso de servir a Cristo presente na Eucaristia e nos irmãos.

LAPA

Oswaldo Reis



Na manhã de sábado, 19, aconteceu a **Formação Bíblica Regional**, em três paróquias da Região Lapa, com o tema “Seu reino jamais será destruído” (Dn 7,14): na Paróquia São Patrício (foto), Decanato São Bartolomeu, com o Padre Boris Agustín Nef Ulloa, Diretor da Faculdade de Teologia da PUC-SP; na Comunidade Rainha da Paz, que pertence à Paróquia São João Maria Vianney, Decanato São Simão, conduzida pelo Padre João Gabriel Galhoti Pinto, SDB, Pároco da Paróquia São João Bosco; e na Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, Decanato São Sito, ministrada por Mathias Grenzer, professor da Faculdade de Teologia da PUC-SP.

(por Benigno Naveira)

Benigno Naveira



No domingo, 20, na **Paróquia Nossa Senhora Mãe do Salvador**, mais conhecida como Cruz Torta, em Pinheiros, Decanato São Simão, Dom Edilson de Souza Silva, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa, presidiu missa, durante a qual conferiu o sacramento da Crisma a quatro jovens e adultos. Concelebrou o Padre Sergio Lucas Câmara, Pároco, com a assistência do Diácono Ronaldo Contin Della Nina.

(por Benigno Naveira)

Lisandra de Araújo Rocha Godoy Casalino



Na noite da sexta-feira, 18, em missa presidida por Dom Edilson de Souza Silva na **Paróquia Nossa Senhora de Fátima**, Decanato São Simão, 22 leigos receberam a investidura para atuar como ministros extraordinários da Sagrada Comunhão (MESCs), após um período de formação em nível paroquial. Concelebrou o Padre Pedro da Silva Moraes, Vigário Paroquial, com assistência do Diácono Seminarista Fabiano Henrique da Silva.

(por Benigno Naveira – com informações de Lisandra de Araujo Casalino)

Benigno Naveira



Na **Paróquia Rainha da Paz**, na Vila Ida, Decanato São Simão, oito jovens e adultos receberam o sacramento da Confirmação, durante missa presidida por Dom Edilson de Souza Silva, no domingo, 20. Concelebrou o Padre Geraldo Raimundo Pereira, Pároco, com a assistência do Diácono Claudio Bernardo.

(por Benigno Naveira)

No sábado, 19, na **Paróquia Santa Mônica**, Decanato São Tito, realizou-se um encontro vocacional, com o tema “Encontre-se com Deus e deixe-O ser o protagonista em sua vida”, reunindo crianças, jovens e adultos. O encontro foi conduzido pelo Padre João Henrique Novo do Prado, Reitor do Seminário Propedêutico Nossa Senhora da Assunção e Coordenador da Pastoral Vocacional da Arquidiocese de São Paulo. Na ocasião, o seminarista Gabriel Maria contou sua experiência e testemunho de caminhada vocacional. Também participou o Padre Daniel Koo, Pároco.

(por Benigno Naveira – com informações de Marcos Grego)

BELÉM

Pastoral da Juventude da Região Belém



Nos dias 12 e 13, na Paróquia São Pedro Apóstolo, Decanato Santa Maria Madalena, aconteceu o **PJOTÃO**, atividade promovida pela Pastoral da Juventude da Região Belém, com o propósito de reafirmar a arte como instrumento de evangelização, formação humana e protagonismo juvenil. O encontro, que reuniu mais de 80 jovens, teve como tema “Grupos de jovens: fazendo da arte uma morada de vida e esperança”, como lema “Criar, aprender e transformar em comunidade!” e iluminação bíblica “Cada um coloque a serviço dos outros o dom que recebeu” (1 Pd 4,10).

(por Melissa Yasmin Alves Tarrão)

Arquivo pessoal



No sábado, 19, o **Setor Juventude da Região Belém** promoveu o Retiro Regional da Juventude, no Centro Pastoral São José. Houve momentos de oração, animação, partilha e pregações com sacerdotes e religiosas. O encerramento foi com a Adoração Eucarística, conduzida pelo Padre Claudinês Venancio da Silva, Assessor Eclesiástico regional para a Juventude.

(por Setor Juventude da Região Belém)

Pastoral do Dízimo



No sábado, 19, foi realizada a **Formação Regional da Pastoral do Dízimo**, conduzida pelo Padre Reginaldo Miranda, Assessor Eclesiástico regional desta Pastoral. O encontro teve como tema “Mês do Dízimo: O Despertar da Gratidão”.

(por Pastoral do Dízimo)

Pascom paroquial



Em missa na **Paróquia São Mateus Apóstolo**, Decanato Sant’Ana e São Joaquim, no dia 16, Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém, deu posse canônica ao Padre Felipe Batista da Silva como Pároco. A Eucaristia teve entre os concelebrantes o Padre Vidal Valentín Cantero Zapattini, CSS, Decano.

(por Pascom paroquial)

Estados Unidos

Arcebispo Fulton Sheen será beatificado

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

A beatificação do Arcebispo Fulton Sheen, na quinta-feira, 24, representa um novo capítulo na história de uma das grandes vozes da evangelização católica do século XX. Ao longo de seis décadas de atuação como sacerdote, bispo, arcebispo, escritor e pregador, ele dedicou sua vida ao anúncio do Evangelho, unindo a formação filosófica e teológica ao trabalho pastoral e a uma capacidade singular de apresentar os ensinamentos da Igreja de maneira acessível a públicos muito diversos.

Sua trajetória passou pelo ensino, pela pregação, pelas missões e, de maneira especialmente marcante, pelos meios de comunicação. Autor de dezenas de livros, Sheen também levou a fé católica ao rádio e à televisão, alcançando milhões de pessoas. Por trás de uma vida pública tão intensa, cultivava uma profunda vida de oração, tendo como prática diária a Hora Santa diante do Santíssimo Sacramento, à qual permaneceu fiel durante seu ministério.

Sua atuação no rádio começou em 1930, com o programa *The Catholic Hour*, no qual tratava de temas ligados à fé, à moral e às questões de seu tempo. Ao longo dos anos, suas transmissões alcançaram milhões de ouvintes e fizeram de sua voz uma das mais conhecidas do catolicismo nos Estados Unidos.

Na década de 1950, Sheen levou esse apostolado para a televisão com o programa *Life is worth living* (A vida vale a pena ser vivida). Diante das câmeras, geralmente acompanhado apenas de um quadro-negro, apresentava temas filosóficos, religiosos e coti-

dianos, como reflexões sobre fé, moralidade e o sentido da vida, chegando a reunir cerca de 30 milhões de espectadores. O sucesso do programa lhe rendeu, em 1952, um *Emmy* de personalidade televisiva de destaque.

O processo de canonização de Fulton Sheen foi aberto em 2002. O Papa Bento XVI o declarou Venerável em 2012, enquanto em 2019 o Papa Francisco aprovou um milagre atribuído à sua intercessão, abrindo caminho para a beatificação.

A missa da beatificação de Fulton Sheen acontecerá na quinta-feira, 24, às 16h (horário de Brasília), em St. Louis, no estado do Missouri, nos Estados Unidos, e será presidida pelo Cardeal Luis Antonio Tagle, Pró-Prefeito da Seção para a Primeira Evangelização e Novas Igrejas Particulares do Dicastério para a Evangelização e representante oficial do Papa Leão XIV para a ocasião. A plataforma de *streaming* católica *Lumine* possui a exclusividade de transmissão da cerimônia, com tradução simultânea em português, que pode ser acompanhada gratuitamente a partir das 15h30 em seu canal no YouTube.

A memória litúrgica do Beato Fulton Sheen será celebrada em 9 de dezembro, data de sua morte, ocorrida em 1979, aos 84 anos.

Com seu talento, Sheen demonstrou como o rádio e a televisão poderiam se tornar poderosos instrumentos de evangelização. Sua capacidade de comunicar a fé em linguagem acessível a um público enorme permanece um dos aspectos mais reconhecíveis de seu legado. (JFF)

Fontes: Minha Biblioteca Católica, EWTN News e Fox 2

Liturgia e Vida

‘Os cobradores de impostos e as prostitutas vos precedem’

26º DOMINGO DO TEMPO COMUM
27 DE SETEMBRO DE 2026

PADRE JOÃO BECHARA VENTURA

No templo, Cristo foi interrogado por alguns chefes dos sacerdotes e anciãos que, sem acreditar na Sua pregação e na de João Batista, queriam saber com que autoridade realizava tantas obras. Vendo que O colocavam à prova, tendo o coração fechado à verdade, o Senhor lhes deixou sem resposta e propôs-lhes esta parábola.

Um pai pediu a cada um de seus dois filhos: “Vai trabalhar hoje na vinha”. O primeiro respondeu com franqueza: “Não quero”. Porém, mais tarde, sentiu remorso e acabou obedecendo. O segundo respondeu com solicitude e respeito: “Sim, senhor, eu vou”. Contudo, não foi. Sabemos por experiência pessoal a decepção causada por pessoas que dizem ‘já vou, já vou’ e não fazem nada; ou que formulam belas promessas, mas, na hora da necessidade, desaparecem...

Para capturar os interlocutores no próprio erro, Jesus perguntou qual dos dois fez a vontade do pai. A resposta óbvia – “o primeiro” – constituía, na boca dos chefes e dos anciãos, uma autocondenação. Esses homens eram ciosos da Lei de Moisés, jactavam-se por pertencer ao povo eleito, ocupavam funções importantes na comunidade de Israel... Porém, agora que estavam finalmente diante do cumprimento das promessas divinas – na presença do Messias –, recusavam-se a acreditar e a se converter!

Com belas palavras nos lábios e com costumes “respeitáveis”, cometiam uma impostura irremediável, pois eram incapazes de obedecer. Eram os “senhores” da própria vida! Apesar da aparência de “reverência”, a religião era para eles um ganha-pão, meio de projeção social, e não um exercício de humildade e obediência. Não à toa, o segundo filho da parábola chama o pai de “senhor”... É um lembrete de que “Nem todo aquele que diz ‘Senhor, Senhor’ entrará no reino dos Céus, mas, sim, aquele que pratica a vontade do Pai que está nos Céus” (Mt 7,21). Não é sincera uma religiosidade que não visa ao conhecimento e à prática da vontade de Deus na existência cotidiana.

Para alertar sobre a contradição de suas vidas, o Senhor profere palavras tão duras quanto verdadeiras: “Os cobradores de impostos e as prostitutas vos precedem no Reino de Deus”. Não se trata aqui de concessão ao pecado destes últimos. Vendo as obras e a pregação de João e de Jesus, muitos deles haviam acreditado e se convertido sinceramente. É o caso, por exemplo, do publicano Mateus, que se tornaria Apóstolo e Evangelista. Afinal, “quando um ímpio se arrepende da maldade que praticou e observa o direito e a justiça, conserva a própria vida. Arrependendo-se de todos os seus pecados, com certeza viverá; não morrerá” (Ez 18,27-28).

Os chefes e anciãos, ao contrário, mesmo conhecendo o Precursor e o Salvador, “não se arrependeram para crer” (Mt 21,32). Fazendo promessas de fidelidade e levando o nome “Senhor” na boca, não realizaram o mais importante: crer, converter-se e obedecer. Que Deus nos conceda uma piedade sincera, acompanhada do cumprimento dos Seus Mandamentos e de nossos deveres de estado!

Austrália

Igreja local convida casais católicos a participar de pesquisa nacional sobre o Matrimônio

Com o objetivo de melhorar o apoio pastoral aos casais recém-casados, a Igreja na Austrália está convidando os católicos, em sua primeira década de casamento – mesmo que apenas um dos cônjuges seja católico –, a participar de uma pesquisa nacional. O projeto já recebeu 440 respostas.

“Esperamos alcançar mil respondentes durante o mês de setembro”, disse Jessica George, gerente de projeto, acrescentando que uma taxa de resposta maior produziria resultados de pesquisa mais robustos.

O projeto é financiado pela Comissão Episcopal para a Vida, a Família e o Envolvimento Público e gerido pelo Centro de Recursos Paroquiais e Matrimoniais, uma organização católica que desenvolve programas, pesquisas e recursos práticos para fortalecer os casamentos, as famílias e a vida paroquial.

Dom Tony Percy, Bispo Auxiliar de Sydney e Referencial para o Matrimônio, a Família e a Vida, afirmou que os católicos recém-casados frequentemente recebem pouco apoio após o casamento.

“O Papa Francisco tinha uma preocupação especial com os recém-casados. Ele reconheceu que, como Igreja, temos tendido a nos concentrar na preparação para o casamento e, depois da cerimônia, deixamos os casais praticamente à própria sorte. Sabemos que este é um momento de grandes desafios para os casais, mas

para podermos oferecer um apoio melhor, precisamos ouvir as pessoas que estão passando por isso”, explicou o Episcopo.

O projeto responde às preocupações levantadas pelo falecido Papa Francisco em sua exortação apostólica de 2016, *Amoris laetitia*, sobre a necessidade de acompanhar os casais durante os primeiros anos de casamento.

O questionário foi desenvolvido para ser respondido individualmente, e, portanto, os cônjuges podem fazê-lo separadamente. Pessoas separadas ou divorciadas também podem participar. Ele é composto de duas partes: uma que aborda experiências conjugais, e outra que explora crenças, entendimentos e comportamentos com maior profundidade.

A participação na pesquisa é anônima e voluntária, e seu projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Associação de Pesquisa Cristã. A análise final será realizada antes do final do ano, com um relatório de pesquisa completo a ser divulgado posteriormente.

Suas conclusões fornecerão aos bispos uma base de evidências para o desenvolvimento de respostas pastorais e recursos que abordem as necessidades, os desafios e as alegrias do início da vida matrimonial.

A pesquisa está disponível (em inglês) em thepmrc.org/survey. (JFF)

Fonte: Weekly Catholic

AVISO DE EXTRAVIO DE DIPLOMA

Comunico o extravio do diploma de Técnico em Agropecuária, emitido pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS) ETEC Profª Carmelina Barbosa, na cidade de Dracena, SP, em nome de Eric Alves dos Santos, portador(a) do RG nº 37478162-X e CPF nº 221.845.058-54. Fica o mesmo sem efeito para fins legais.

São Paulo, 21 de agosto 2026.
Eric Alves dos Santos

Papa Leão XIV à Diocese de Roma: ‘Encontrar Cristo e fazer com que seja encontrado’

FILIPE DOMINGUES
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO, EM ROMA

Nas nossas comunidades, devemos começar a nos perguntar “quem” e “como” encontrar na ação pastoral, e não só em “o que fazer”. Em assembleia diocesana organizada na sexta-feira, 18, em Roma, falando para membros da Diocese da qual é o Bispo, o Papa Leão XIV refletiu sobre questões para a vida da Igreja e o sentido de suas comunidades no contexto atual.

Embora o discurso tenha sido para a Diocese de Roma, ele evidencia a visão pastoral de Leão XIV. É preciso “encontrar Cristo e fazer com que seja encontrado”, exortou o Bispo de Roma, Sucessor do apóstolo Pedro.

“A Igreja não existe para si mesma, mas para conduzir cada pessoa ao encontro com o Senhor; então, não basta perguntar-se se uma atividade foi bem organizada, se é participada, se existe há muitos anos; é preciso interrogar-se se ela leva realmente a Cristo, se faz com que o Evangelho encontre a vida concreta das pessoas”, disse.

GERAR COMUNIDADES

Destaque deve ser dado, na visão do Papa, a produzir comunidades que deem espaço a “relações verdadeiras, nas quais as pessoas se sintam parte de um povo”. Ele pede que cada pessoa se perceba “acolhida, acompanhada, valorizada, corresponsável”, e que



‘A Igreja não existe para si mesma’, afirma o Pontífice na assembleia da Diocese de Roma

os jovens possam receber “tempo e escuta” na Igreja.

Falando sobre o momento em que, conforme o relato bíblico (cf. Jo 20,16), Maria Madalena se sente chamada pelo nome pelo Cristo ressuscitado, o Pontífice lembrou que cada pessoa também é reconhecida por Deus como ser único, filho e filha.

“Quem encontra Cristo de verdade, como Maria Madalena, sente preencher o coração e, então, não pode ficar parado: corre e vai anunciar ‘eu vi o Senhor!’”, disse o Papa. Não se trata de uma simples experiência ou um “fato privado”, mas de um encon-

tro que produz uma “alegria profunda que gera comunidade”, ou seja, precisa ser compartilhada.

FORMAÇÃO E PROFUNDIDADE

Mais do que um programa pastoral, o Papa Leão XIV disse aos fiéis de Roma que é preciso fazer uma autorreflexão, ou uma ampla “checagem” pastoral.

“Checar, sob a luz do Espírito Santo, significa parar, reler o que aconteceu, reconhecer o que deu frutos, compreender o que não funcionou e buscar juntos as razões”, afirmou. “Convido vocês a empreenderem essa checa-

gem envolvendo toda a comunidade e, sempre que possível, ouvindo também aqueles que não fazem parte dela e que veem as coisas, por assim dizer, ‘de fora’”, comentou.

A formação para que as pessoas possam ter uma fé madura e profunda é essencial no processo de renovação da vida eclesial, observou o Santo Padre.

“As nossas atividades fazem crescer na fé? Formam discípulos missionários? Ajudam a amadurecer responsabilidades eclesiais? Geram uma fé adulta, capaz de se traduzir em escolhas concretas de vida e de serviço?”, questionou.

São questões que vão além do dia a dia, das atividades do momento. Além de almejar os resultados, completou o Papa, é preciso ter claro qual “intenção evangélica nos move”, ou seja, qual valor do Evangelho nos anima e qual dimensão da missão da Igreja se promove. “Por que algumas iniciativas geram percursos e outras permanecem isoladas? Por que algumas pessoas participam e outras permanecem à margem?”, perguntou.

“Do encontro entre as razões das nossas escolhas e os motivos dos seus efeitos nasce um discernimento autêntico, que permite reconhecer o que deve ser mantido, valorizado, corrigido, abandonado ou iniciado.” Trata-se de um caminho a ser realizado juntos, e não de forma isolada.

Preocupação com a crise humanitária na Somália

“Estou acompanhando com grande preocupação a atual crise humanitária em algumas áreas da Somália”, disse o Papa Leão XIV após a oração do *Angelus*, no domingo, 20.

O país africano enfrenta, simultaneamente, seca, insegurança alimentar, desnutrição, conflitos armados, deslocamentos internos, pobreza e redução da ajuda humanitária internacional.

O Pontífice também expressou sua esperança no “envolvimento generoso da comunidade internacional” para que a Somália possa sair da crise. Segundo o plano humanitário das Nações Unidas,

cerca de 4,8 milhões de pessoas necessitam de assistência humanitária, principalmente nas áreas de saúde, água e saneamento, segurança alimentar e moradia.

(Com informações do Vatican News)

Livraria Loyola

sempre um bom livro para você

.com.br

Loja Senador

R. Senador Feijó, 120 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01006-000
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasenador03@livrarialoyola.com.br

Loja Quintino

R. Quintino Bocaiúva, 234 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01004-010
WhatsApp (11) 95395-8927
lojaquintino05@livrarialoyola.com.br

Loja Santos

R. Padre Visconti, 08 - Embaré
Santos, SP - CEP 110040-150
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasantos04@livrarialoyola.com.br

Loja Campinas

R. Barão de Jaguara, 1389 - Centro
Campinas, SP - CEP 13015-002
WhatsApp (19) 3236-3567
lojacampinas03@livrarialoyola.com.br

A livraria mais completa do Brasil em
livros e artigos católicos

FREI ARISTÓNICO MONTERO, OP

São Pier Giorgio Frassati

Modelo fascinante para a juventude de hoje

SÃO PIER FRASSATI

De: R\$ 34,90

POR: R\$ 27,90

A Divina Eucaristia

Escritos e Sermões de São Pedro Julião Eyraud

A DIVINA EUCARISTIA

De: R\$ 182,00

POR: R\$ 145,60

NOVIDADE

Francesco Bonamente

O SANTO ROSÁRIO

Flagelo dos demônios

O SANTO ROSÁRIO

R\$ 39,90

Mais de um milhão de cópias vendidas

Orações Seleccionadas

por cura, libertação e intercessão

ORAÇÕES SELECIONADAS

De: R\$ 26,90

POR: R\$ 21,50

Para pedidos ligue: (11) 3105-7198 / 98459-5171 ou acesse: www.livrarialoyola.com.br